Parnaso Lusitano

ou

Poesias Selectas.

Parnaso Lusitano

OU

Poesias Selectas

DOS

AUCTORES PORTUGUEZES ANTIGOS E MODERNOS,

ILLUSTRADAS COM NOTAS.

PRECEDIDO
DE UMA HISTORIA ABREVIADA DA LINGUA
E POESIA PORTUGUEZA.

TOMO VI.

Satyricos.

PARIS,

EM CASA DE J. P. AILLAUD,
QUAI VOLTAIRE, Nº 11.

M. DCCC. XXXIV.

ARGUMENTO

DO POEMA.

José Carlos de Lara, Deão da Igreja d'Elvas, querendo obsequiar seu Bispo, o Exmo e Revmo D. Lourenço de Lancastre, vinha offerecer-lhe o Hyssope, á porta da Casa-do-Cabido, todas as vezes que este Prelado ia exercitar suas funcções na Sé. Depois, esfriando esta amizade por motivos, que nos são occultos, mudou o dicto Deão de systema; o que o Bispo sentiu em extremo, como uma grande affronta feita á sua illma pessoa: e para o constranger a continuar no mesmo obsequio, machinou com alguns seus parciaes do Cabido, que este lavrasse um Accordão, pelo qual o Deão fôsse obrigado, debaixo de certas mulctas, a não o esbulhar da pretendida

posse, em que se achava. D'este terribil Accordão appellou o Deão para a Metropoli, onde teve sentença contra si. Esta é a acção do Poema.

Passado pouco tempo depois da referida sentença, morreu o Deão, e lhe succedeu no Deado um sobrinho seu, chamado Ignacio Joaquim Alberto de Matos; o qual, recusando sujeitar-se, como seu tio, ao sobredicto encargo, foi pelo Bispo asperamente reprehendido, e ameaçado. Então interpoz o mesmo um recurso á Coroa, cujo Tribunal mandando ao Bispo dar razão de seu procedimento, este, cheio d'um terror panico, desistindo da imaginada posse, negou haver tal Accordão, e o mais que tinha obrado a esse respeito.

Tudo isto dá materia ao vaticinio d'Abracadabro, que é um dos episodios de que se reveste o presente Poema.

O HYSSOPE,

POEMA

HEROI-COMICO

DE

Antonio Diniz da Cruz e Silva.

. . . . *Ridentem dicere verum*
Quid vetat?
HORACIO, liv. 1, sat. 1.

O Hyssope.

CANTO PRIMEIRO.

Eu canto o Bispo, e a espantosa guerra,
Que o Hyssope excitou na igreja d'Elvas.
Musa, tu, que nas margens aprazíveis
Que o Sena bordam de arvores viçosas,
Do famoso Boileau (1) a fertil mente
Inflammaste benigna, tu m' inflamma;
Tu me lembra o motivo; tu, as causas
Por que a tanto furor, a tanta raiva
Chegaram o Prelado, e o seu Cabido.

Nos vastos Intermundios d' Epicuro (2)
O gran' paiz se estende das Chimeras,
Que habita immenso povo, differente
Nos costumes, no gesto, e na linguagem.
Aqui nasceu a Moda, e d'aqui manda
Aos vaidosos mortaes as várias fórmas
De seges, de vestidos, de toucados,

De jogos, de banquetes, de palavras;
Unico emprêgo de cabeças oucas.
Trezentas bellas caprichosas Filhas,
Presumidas a cercam, e se occupam
Em buscar novas artes de adornar-se.
Aqui seu berço teve a espinhosa
Escholastica vã Philosophia,
Que os claustros inundou; e que abraçaram
Até a morte os perfidos Solipsos (3).
D'aqui saíram, a infestar os campos
Da bella Poesia, os anagrammas,
Labyrinthos, acrósticos, segures (4),
E mil especies de medonhos monstros,
A cuja vista as Musas espantadas,
Largando os instrumentos, se esconderam
Longo tempo nas gruttas do Parnasso.
Aqui (cousa piedosa!) alçou a fronte
A insipida Burletta, que tyranna
Do Theatro desterra indignamente
Melpómene e Thalia, e que recebe
Grandes palmadas da Nação castrada (5).

Do denso Povo, que o paiz povôa,
Uns com pródiga mão ricos thesouros,
A trôco d'uma concha, ou borboleta,
Ou d'uma estranha flor, que represente
As vivas côres do listrado Iris,
Despendem satisfeitos. Outros passam,

Sem cessar, revolvendo noite, e dia
Do antiguo Lacio antiguos manuscriptos,
Do roaz tempo meio-consumidos,
Para depois tecer grossos volumes
Do—H—sôbre a pronuncia; ou se se deve
A conjuncção unir ao verbo, ou nome,
Que marcham antes d'ella no discurso.
Alguns (misera gente!) inutilmente
Compoem grandes Iliadas, e tecem
Aos vaidosos Magnatas mil sonetos,
Mil Pindáricas odes, e epigrammas,
A que apenas de olhar elles se dignam.
Estes, cujas cabeças desgraçadas
Não bastam a curar tres Anticyras (6),
Abrasados se crêem d'um sancto fogo,
E ter commércio com os altos deuses:
Senhores da aurea fama, e seus thesouros
Se inculcam aos Heroes, e em seus delirios,
Se julgam mais felizes e opulentos,
Que o grande imperador da Trapizonda;
Em quanto, na pobreza submergidos,
Cobertos de baldões, e d' improperios
Dos Ricos ignorantes, e dos Grandes,
Com mofa, e com desprezo, são olhados.

D'este pois populoso e vasto Imperio
Em paz empunha o sceptro soberano
O Genio tutelar das Bagatellas.

N'um magestoso alcaçar, que se eleva,
Com estranha structura, até as nuvens,
Assiste o grande Nume; e d'alli rege
A lunatica gente, a seu arbitrio.
De transparente talco fabricado
É o largo edificio, que sustentam
Cem delgadas columnas de missanga.
Nos quatro lados, em igual distancia,
Quatro tôrres de lata se levantam;
Do capricho obra, em tudo, muito prima,
Onde a materia cede muito á arte.

Aqui pois a conselho chama o Genio
Do seu imperio os principaes Dynastas.

N'um vistoso salão, todo coberto
De papel-prateado, e lentejoulas,
Se ajuncta a grande Côrte; e alli, per ordem,
Assentando-se vai : aos pés do throno
De alambres, e velorios embutido,
A Lisonja se ve, e a Excellencia;
Segue-se a Senhòria, e abaixo d'ella
O Dom surrado, as grandes Cortezias,
O Whist, o Trinta-e-um, os Comprimentos;
E logo o Vampirismo, os Sortilegios,
Os Sylphos, Salamandras, Nymphas, Gnomos,
E os outros Genios da subtil Cabala (7).

De mil vãs Ceremonias rodeada,
Os assentos reparte a Precedencia.

Composto o gran' rumor, e socegado,
Assim do alto do throno o Genio falla :
« Illustres moradores d'este excelso
Magnifico palacio, bem sabido
Ja ha muito tereis o quanto deve
O meu augusto genio, a nossa côrte,
Ao gran' Prelado, que as ovelhas pasce
Dos Elvenses redis : notorio a todos
Sem duvida vos é, como pospondo
Das funcções mais piedosas o cuidado
Ás nossas bagatellas, so se emprega
Em cousas vãs, ridiculas e futeis.
A corrupta, mas real genealogia,
O roixo-tercio-pêllo dos sapatos,
As pedras, que lhe esmaltam as fivelas,
A preciosa saphira, a linda caixa,
Onde (sôbre Amphitrite, que tirada
D'escamosos Delphins, n'uma aurea concha,
Os verdes campos de Neptuno undoso,
Cercada de Tritões, nua passeia)
Do famoso Martin (8) o verniz brilha;
Seu emprêgo so são, e seu estudo.
Emfim, entre os mortaes, não ha quem renda
Á minha divindade maior culto.
Agradecido pois ao grande empenho,

Que mostra em nos honrar, tenho disposto
Dar á sua vaidade um novo pasto :
Que a uma escusa porta o Deão saia,
Co'o Hyssope, a esperal-o, determino.
D'este meu parecer quiz dar-vos parte,
Não so para escutar os vossos votos;
Mas para que saibais, e fiqueis, certos
Que a côrte não fazeis a um Nume ingrato. »

Acabou de fallar; e confirmando
Todo o sabio Congresso o seu dictame,
Um susurro no Cônclave s' espalha,
Ao do Zephyro em tudo similhante;
Quando, nas frescas tardes suspirando,
A bella Flora segue, que travêssa
Ca, e la, entre as flôres, se lhe furta.

Mas a vã Senhoria, que se lembra,
Que em casa do Deão sempre encontrara
A mais benigna, a mais certa guarida,
Que seu nome na bôcca do lacaio,
Do cuzinheiro, da ama andava sempre,
A cabeça movendo descontente,
Tres vezes escarrou, e a voz alçando,
D'esta sorte fallou ao gran' Despóta :

« Soberano monarcha, que tu queiras
Premiar a quem te honra, empresa digna

É de teu coração: eu mesma approvo,
E mil vezes dictara este conselho:
Mas que, para o fazer, hoje pretendas
Que um Deão, de crescente, e curta vista,
A dignidade abata, e a esperar saia,
N'uma porta d' escada, o seu Prelado;
Nem justo me parece, nem louvavel.
Se tu queres honrar sua Excellencia,
Outras maneiras ha de conseguil-o:
Na mesma Igreja d' Elvas, e Cabido,
Ha um Bastos, um Sousa, dous Aporros,
Que, junctos com os Pittas, podem todos
Inda á mesma commua acompanhal-o,
Levantar-lhe a cortina do trazeiro,
Lavar-lhe o nedio cu, — e até beijar-lh'o.
Estes, e outros d'esta mesma estofa
(De que o Bispado, quasi todo, abunda)
Ás costas vão buscar o gordo Bispo,
Que, indaque um pouco pésa, vem seguro;
Que são Cavallos mestres e possantes.

Mais queria dizer o vão Dynasta,
Quando, de seu assento, esbravejando,
Se levanta impetuosa a Excellencia:
O furor, que lh' inflamma o grave aspecto,
As palavras lhe corta; principia
Cem vezes o discurso, e logo pára:
Até que n'estas descompostas vozes

Finalmente atroou a grande sala :

« Como! E é possibil que haja quem se atreva
N'este Congresso, a oppor-se, cara á cara,
Aos obsequios que tu, o' Nume! ordenas
A uma reverendissima Excellencia?
Um Deão, co'o seu Bispo comparado
Um cominho não é? Se tu, o' Nume!
O teu grande projecto não sustentas,
Eu so... » E n'isto bate o pe na casa.

Áo rijo som da bestial patada,
Tremeu o regio solio, e o pavimento:
Assentos, e Assistentes assustados
Caíram pela terra. Então o Genio
Alçando um pouco a voz : « Basta (lhe disse)
Eu disputas não quero em meu Conselho,
Minha resolução está tomada;
Eu a escrevi, eu mesmo, em meu canhenho,
E o que escrevo uma vez, nunca mais borro. »

Aqui, co'o rosto um pouco carregado,
O Cônclave despede; e logo chama
A vistosa Lisonja que, n'um ponto,
Cem caras, cem vestidos, cem figuras,
Cem linguas toma, e muda brevemente
De palavras, e tom, segundo o gôsto
Dos que o govêrno teem : e assim lhe falla :

« Magnata principal da minha Côrte,
Eu, para executar este projecto,
Entre todos te escolho; diligente
Parte a cumpril-o; pois de tuas artes,
E de ti so confio a grande empresa. »

Acaba; e mais veloz que a leve setta
Parte do Itureo arco, ou na alta noite
Cair se ve do ceo brilhante estrella,
Voa o falso ministro, abrindo os ares.

Juncto da bôcca do cruel Averno (9),
A provincia se ve da Dependencia,
Cujos campos retalha, murmurando,
Um pequeno ribeiro d' agua turva :
Não cria em suas margens tronco altivo;
Mas so hervas humildes e rasteiras
Produz o seu humor; se algum arbusto
Mais viçoso rebenta, as suas folhas
Tem para a terra todas inclinadas :
Funesto influxo do liquor maligno,
Que o succo lhe ministra! Aqui, voando,
A Lisonja chegou; e enchendo d' agua
Uma pequena infusa, que trazia,
As azas abre, parte alegremente
Fendendo os leves ares; mil cidades,
Mil povos deixa atraz, até que chega
Da famosa azeitona á grande terra.

Aqui, tomando a fórma do lacaio
Do farfante Deão, entra na casa,
A tempo que, de chambre, e de chinelas,
Pela comprida sala passeava,
Sorvendo uma pitada de tabaco,
De quando em quando, sua Senhoria;
Ora á janella chega, e applicando
Uma pequena lente á curta vista,
O que passa na praça vigiava;
Ora, arrotando, para dentro torna.
Ardia então em calma toda a terra;
E o calor, que as guelas lhe seccava,
Lhe faz bradar por agua, e caramelos.

A Lisonja, que idoneo tempo vira
Para tammanha empresa, um copo enchendo
Da turva lympha do regato impuro,
Com quatro caramelos, n'uma salva
Lhe levou mui lampeira; elle sorvendo
Com muita mogiganga o fôfo açucar,
Os dedos lambe, e logo o copo vasa
Do maligno liquor dentro na pança.
Acabou de beber, e pouco a pouco
O veneno se actúa dentro n' alma:
Uma chamma subtil, um vivo fogo
Lentamente se ateia: arde em desejos
D'ir o Bispo buscar, de offerecer-lhe
O mais activo incenso; mil obsequios

Na cabeça lhe rolam, e o transportam:
Da tarde em todo o resto não socega;
Nem na profunda noite estas ideias
O deixam descançar um so momento:
Sôbre os fôfos colchões revolve o corpo,
Mil maneiras pensando de adulal-o:
Umas vezes lhe lembra debuxar-lhe
Em dourado-papel sua prosapia;
Mas de genealogia nada intende
O triste, por seu mal: outras, lhe occorre
Ir calçar-lhe os sapatos: com inveja
Ólha do illustre Almeida a feliz sorte,
Que os pratos, e a bebida lhe ministra.

Da noite a maior parte assim consome
N'estes projectos vãos, e em nada assenta:
Até que, — juncto ao toque da alvorada,
Apenas, de cançado, cerra os olhos, —
Emboscada a Lisonja prestes toma
D'um prazenteiro sonho a leve fórma,
Entre mil vãos phantasmas lhe apparece,
E assim lhe falla: « Ó grande Dignidade,
Cabeça illustre do Cabido Elvense,
Se de teu alto ingenho hoje pretendes
Dar ao mundo uma prova, humildemente
Tomando o bento Hyssope, á porta nova
Com elle, o teu Prelado, prompto espera.
Honrar nossos Maiores cousa é sancta,

Que a natureza inspira : da syntaxe
O cartapacio diz, que mais illustres
Seremos, quanto formos mais humildes. »

N'este ponto acordou o Prebendado;
E vestindo-se á pressa, á Igreja corre:
Sem fazer oração, o Hyssope toma,
E com elle, na porta sinalada,
Sua Excellencia espera : alli apenas
Da liteira assomou o grande macho,
Per terra se prostrou, e d'esta sorte
Ao Pastor, que se apeia, o Hyssope off'rece;
Que uma sancta vaidade respirando,
N'elle alegre pegou, e o sacro Asperges
Circumspecto lhe lança; em si cuidando
Que todo este profundo acatamento
A seu illustre bêrço era devido;
E, n'estas vãs ideias engolphado,
Foi devoto cantar a grande-missa.

O Hyssope.

CANTO SEGUNDO.

Reinava a dôce paz na sancta Igreja;
O Bispo, e o Deão, ambos conformes
Em dar, e receber o bento Hyssope,
A vida em ócio sancto consumiam.
O bom vinho de Málaga, o presuuto
Da célebre Montanche, as gallinholas,
As perdizes, a rôla, o tenro pombo,
O gran' cha de Pekin, e la da Meca
O cheiroso café, em lautas mezas,
Do tempo a maior parte lhes levavam;
E o restante, jogando exemplarmente,
Ou dormindo, passavam sem sentil-o.

Emtanto a Senhoria, em cujo peito
Altamente ficou depositada
Da suberba Excellencia a petulancia,
Mil vinganças na mente revolvendo,

Comsigo mesma diz : « Que! Per ventura
Não sou eu a sublime Senhoria,
Idolo de Pelões, e de Casquilhos?
Quantas Môças gentis, em cujos rostos
Entre lirios brilhar se vêem as rosas,
A meu culto não rendem seus cuidados?
Quantos graves Varões, que sôbre os livros,
De cãs se teem coberto, ou sob os elmos?
Nas ricas e faustosas Assembleias
Não tenho porta franca? Não me fazem
Os Circumstantes todos mil lisonjas?
Não correm após mim? não me festejam?
Pois, como soffro que a Excellencia altiva,
A seus pés me derrube, e me atropelle?
Que triumphe de mim impunemente?
Ah! se esta injuria soffro; com desprezo
Entre a gente será meu nome ouvido :
Nem em casas armadas de damasco,
Ou de pannos-de-raz, onde spumando
Na rica transparente porcelana,
De Carácas se serve o chocolate,
Roda o cha, o café, se joga o Whist,
Terei (como costumo) entrada livre :
E somente nas lojas dos barbeiros,
Ou pintadas boticas, entre as moscas,
A vida passarei triste, e sem honra.
Ás armas pois corramos, e á vingança :
Que desmaiar á vista dos perigos

É de animo abatido indicio certo.
Mil artes, mil maneiras de vingar-me
Buscará minha astucia. O mundo inteiro
Hoje conhecerá minha potencia. »
Disse : e sôbre o veloz dourado carro,
Que tiram seis Pavões, irada sóbe,
Levemente rasgando o ar sereno.

Nas entranhas de Rhódope (1) escabrosa,
Uma furna se rasga, tam medonha,
Que um gelado tremor, á sua vista,
Dos tímidos mortaes os ossos corre :
Aqui luctando sempre em viva guerra,
Rugem mil furacões de oppostos ventos;
Aqui se ouvem silvar horrendamente
Górgones, e Cerastas. A Discordia
Aqui morada tem, aqui seu throno.
A este horrendo hospicio a Senhoria,
Batendo as redeas ás pomposas aves,
Guia o suberbo carro. Espavorido
Da triste vista do medonho albergue,
Tres vezes quiz atraz volver o vôo
Das bellas aves o brioso tiro,
E tres vezes o Genio vingativo
Sacudindo, irritado, o longo açoute;
O constrange, por fim, a tomar terra.
Alli do carro desce, e ás palpadelas,
Pela cega caverna entra animosa.

No mais profundo da sombria estancia
Assiste a cruel Deusa, cujo rosto
Apenas se divisa, á luz confusa,
Que espalham respirando de continuo
Per olhos, e gargantas, mil Serpentes.
Aqui o Genio chega; e derribado
Pela terra, que beija humildemente,
D'esta sorte fallou: « Nume terribil
Cujo grande podêr, cuja vingança
A Terra faz tremer, e o mesmo Olympo;
A teus pés hoje chega a Senhoria,
Atrozmente ultrajada: o teu soccorro,
Contra a fera Excellencia, humilde implora:
Se de peitos illustres glória, e timbre
Foi sempre proteger os desvalidos,
Tu me vale em meus males: tu, castiga
D'um Genio insultador a petulancia.
Além d'isto, presumo não ignoras
Que o farfante Deão da Igreja d' Elvas,
Pela baixa Lisonja persuadido,
Olvidado da sua dignidade,
N'uma porta travéssa, o bento Hyssope
Vem, sem brio, off'recer ao gordo Bispo.
D'aqui nasce a concordia, que hoje reina,
Em desprezo da tua divindade,
Na mesma Igreja: o Ocio e a Priguiça,
De teu podêr zombando, n'ella habitam:
Tu mesma, se o meu pranto te não move,

Para credito teu, perturbar deves
Esta serena paz, que o Ócio nutre.
Tu podes, se te agrada, a um so aceno,
No seio da familia mais conforme,
Dissensões semear, motins, e bandos;
Banhar no fraternal sangue innocente
O buído punhal; e n'um momento
A Terra confundir, e o Mar profundo:
Mil Fraudes, mil Ciladas, e mil Tramas,
Como escravas fieis, promptas te servem.
Do Deão fascinado pois desperta
A innata presumpção, o genio altivo.
Tu faze que conheça o desar grande
Em que caído tem, e se arrependa
Do baixo incenso, que á Lisonja rende:
Tu lhe traze á memoria, que seu nome,
Seu nome illustre, na futura idade,
Dos Deãos no catalogo, com mofa
De todos os vindouros, será lido
Sabendo-se, que a tanto abatimento
Seu spiritu chegou: tu furiosa
Os animos altera, e a paz desterra. »

Disse: e o tyranno Nume respirando
Das entranhas um negro e vivo fogo,
D'esta sorte responde: « Bem conheço,
Ó nobre Senhoria! quanto devo
A teu suberbo influxo; quantas vezes

Auxiliado tens minhas cabalas.
Sei, que, por teu respeito, se não falla,
Na Terra, muita gente; as muitas mortes
De que auctora tens sido. Não me esqueço
Do que devo aos amigos. Vai segura,
Que eu ja parto a vingar tuas affrontas. »

Aqui, sôbre um feros Dragão montando,
Rapidamente vôa : incendios, mortes,
Sacrilegios, traições, roubos, ruínas
Vai deixando a Cruel, per onde passa.
Chega dos Elvios á colonia antigua;
E vendo de passage os Dominicos;
Entre o Prior, e os Frades mil disputas
Sôbre o cha, sôbre o jôgo, e sôbre os doces,
Que aos Tafues, com mão larga, dá na cella,
E sôbre os trastes, que ás Senhoras manda,
Tyrannamente excita : alguns gritavam
Que o convento roubava, que a clausura
E religiosa vida se perderam :
Outros, cheios de colera, bradavam,
Que por jogar o Whist, e dar merendas,
As rendas dissipava do mosteiro ;
Que por isso, no sancto refeitorio,
A fome cruelmente os consumia.
Mas o sancto Prelado, todo cheio
D' exemplar paciencia e de modestia,
Vociferar os deixa, — e vai jogando.

Entretanto a Discordia encara a porta
Do grande Presidente-do-Cabido,
A tempo que estirado, á perna sólta,
Sôbre um molle Sophá, dormia a sésta.
Roncava mui folgado, e cada ronco
A grande sala estremecer fazia.
Alli, encarquilhando o feio rosto,
Um Rosario tomou, e na figura
Da velha e carunchosa Ama se torna:
Assim, a lentos passos caminhando,
Ao Conego chegou; assim o acorda:

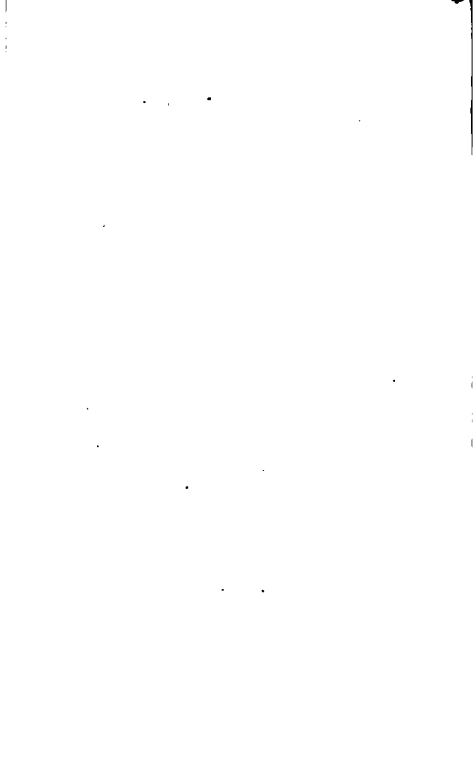
« Como, em tam dôce paz repousa agora,
Dorme, e descança vossa Senhoria;
Ao mesmo passo que, na Terra toda,
De seu nome se faz ludibrio, e mófa?
Como (discorrem uns) como é possibil
Que o bom Capitular, que viu o Papa,
Que em Roma conversou com o Datario,
E do sacro Palacio com o Mestre,
Que joga o Trinta-e-um, e mais o Whist,
Que cha, e que assembleia dá em casa,
A tanto abatimento hoje chegasse,
Que á porta da commua o Hyssope traga,
Para offrecel-o a um Bispo de má morte?
Outros dizem: — Parece cousa incrivel,
Que a principal figura do Cabido,
Que tem loba de sêda, e trouxe ás costas,

La da famosa Italia, a Senhoria,
Tanto de si se esqueça, e do seu cargo? —
E vossa Senhoria, ao ócio entregue,
Dorme profundamente? Acorde, acorde
D'esse molle lethargo, que é ja tempo:
Veja o que deve a si, a seus Maiores,
Á grande Dignidade que, brilhando
Com seus raios, o cérca magestosa;
E deixe a vil Lisonja, que o arrastra. »

Aqui, os turvos olhos esfregando,
O Deão abre a bôcca, estende os braços,
A cabeça levanta, e d'esta sorte
Ao Monstro enganador irado falla:
« Que phrenesi é este, Velha tonta?
Está fóra de si? ou bebeu vinho,
Que o miôlo lhe faz andar á roda?
Reze nas suas contas: quem a mette
Em cousas a fallar, que não lhe tocam?
Va-se logo d'aqui... » N'estas palavras,
Outra vez, sôbre o molle travesseiro
A pesada cabeça cair deixa.

Então a cruel Deusa, ardendo em ira:
« Pois não queres de grado (lhe tornava)
Por teu brio acudir, a minha fôrça
Agora provarás. » Isto dizendo,
A furtada figura prompta depe,

As hydras arrepella da cabeça,
E cheia de furor, uma arrancando,
No seio do Deão, feroz a lança,
E subito pelo ar desapparece.
Em tanto a cruel hydra a cauda ferra
Do Conego nas miseras entranhas.
Em Delphos a famosa Pythonissa (2),
Toda agitada d'um furor divino,
Não geme tam convulsa, tam raivosa
Não corre, não retorce os vivos olhos,
(Não podendo soffrer a Divindade)
Como o pobre Deão : — Do Sophá salta;
Correndo furioso toda a sala,
« Armas! armas (bradava) guerra! guerra! »

A estas altas vozes prompta acode
Da casa toda a gente; e presumindo,
Que algum grave accidente lhe roubara
De todo o pouco siso, pegam n'elle,
E per fôrça o levaram para a cama,
Onde, a cru cachação, a murro sêcco,
Lhe fizeram cessar parte da raiva.

O Hyssope.

CANTO TERCEIRO.

Era dia de festa; e, na alta tôrre
Da grande cathedral, de vinte sinos
O grave carrilhão, rompendo os ares,
Os freguezes chamava á grande-missa;
Quando sua Excellencia vigilante,
Montando a gran' liteira, em que se via
(Com modestia exemplar) Venus pintada
Sôbre um globo de tenros Cupidinhos,
Qual ao mancebo Adonis, ou a Páris,
Na Idalia selva ja se apresentara,
Para a Sé lentamente s' encaminha.

Tu, jocosa Thalia, agora dize
Qual seu espanto foi, sua surpreza,
Quando á porta chegando costumada,
N'ella o Deão não viu, não viu o Hyssope.
Tanto foi da Discordia o fero influxo!

Caminhante, que ve subito raio
Ante seus pés cair, feriudo a terra,
Tam suspenso não fica; tam confuso,
Como o grave Prelado: a côr mudando,
Um tempo immobil fica; mas a raiva
Succedendo ao desmaio, entra escumando
Na grande-sacristia, e d'alli passa
Para o altar-mor, onde se reveste,
Onde, como costuma, em contra-baixo,
Sem saber o que diz, a missa canta.
Toda aquella manhã, uma so bênção
Sôbre o Povo não lança; antes confuso,
Em profundo silencio á casa torna,
Onde, logo a Conselho convocando
Toda a grande familia, assim lhe falla:

« Amigos, companheiros, que o Destino
Fez de meu mal, e bem participantes,
O caso sabereis mais execrando,
Que até hoje no Mundo se tem visto.
O Deão...» (E aqui, dando um gran' soluço,
Em pranto as negras faces todas banha,
Suspenso um pouco fica, e logo torna)
« O suberbo Deão, que sempre attento
A meu alto decóro, o sancto Hyssope
Vinha trazer-me á porta do Cabido,
Hoje não so deixou de vir render-me
(Ah! que não sei, de nojo, como o conte!)

Este obsequio devido ao real sangue,
Que nas veias me pulsa heroicamente;
Mas, na sua cadeira empantufado,
Os psalmos entoava, em mim fitando
A carrancuda vista; de tal sorte,
Que mostrava insultar-me, com desprezo.
A raiva, e o gran' furor, que a alma me occupam,
Me tem fóra de mim : não sei que faça
Para vingar tam grande e atroz delicto.
Vós conselho, vós artes, vós maneira
(Pois a vós tambem chega a grande affronta)
Me dai, para punir este atrevido. »

Disse : e um grande lacaio da liteira,
Famoso Rodomonte das tabernas,
A voz tomando a todos, d'esta sorte
Seu conselho propoz : « Tam grande caso,
Senhor, se leva a pau : eu tenho um raio
De sege, ha muito ja exp'rimentado
Em funcções similhantes ; eu com elle
De sua Senhoria tal vingança
Hoje espero tomar, que d' escarmento
A todos sirva... » Aqui o grande Almeida
Gentil-homem da camara, e da bôcca,
Homem de Gabinete, e de Conselho,
Bom poeta, orador, *Petrus in cunctis*,
Que goza do Prelado a confidencia,
O discurso lhe atalha d'este modo :

« Se este horrendo execravel attentado,
Ao vêl-o, digno de que o Sol brilhante,
Os rubidos cavallos afastando,
Corresse a mergulhar-se eternamente
Nas voragens da noite mais espessa,
Se houvesse de levar per fôrça, e armas;
Eu armas, coração, e fôrças tenho :
Mas violentos remedios so s' applicam
Em mal desesperado; isto supposto,
Astucia, e mais astucia se precisa;
Que, onde reina a Prudencia, nada falta.
Vossa Excellencia conta no Cabido
A muitos parciaes, e lisonjeiros;
Estes pois, sendo a Cônclave chamados,
Poderão sustentar o seu partido,
E obrigar que o Deão faça per fôrça
O que fazer recusa voluntario. »

A estas vozes, babando-se de gôsto,
O Prelado exclamou : « Ó raro ingenho!
Meu podêr, minha fôrça, e meu conselho!
O teu voto me praz; seguil-o quero.
Chamem-me, logo logo, o docto Andrade,
O Gran' Penitenciario, o sêcco Marques;
E o jantar se prepare promptamente. »

Ja na suberba meza cem terrinas,
O vapor mais suave derramando,

A insaciavel gula provocavam;
Quando chegam ao cheiro os Convidados
Que, feitos os devidos comprimentos,
Sem distincção, emtôrno, se assentaram.
Começam a chover logo os manjares,
Cem perdizes, cem pombos vêem voando,
Cem especies de môlhos, cem d'assados,
Grandes tortas, timbales, pasteis, cremes
Cobrem, com symmetria, a grande meza:
A cabeça não falta de vitella,
Nem do gordo animal a curta perna,
Cozida em branco leite, ou dôce vinho.
Mil fructas, mil corbelhas, mil compotas
A terceira coberta logo adornam;
E em dourados crystaes, ó loução Baccho!
De tuas plantas brilha o roixo summo.
Entretanto na porta do palacio,
A cem pobres o Bicho-da-cuzinha,
Per ordem do Pastor caritativo,
Um caldeirão de caldo repartia.

Entre os copos, que emtôrno sempre gyram,
Brevemente propoz o gordo Bispo
Aos bons Capitulares seu projecto,
Que todos approvaram, e alli juram
Polo dôce liquor, que impetuoso
Pelas veias, e cerebro lhes corre,
De o sustentar — até darem as vidas

Por vêl-o felizmente executado.

Assim da lauta meza entre as delicias
Largas horas passaram docemente :
Em um queijo de Parma inda roía
A alegre Companhia, pastejando,
Quando das sanctas vesporas, na tôrre,
Fez signal o relojio. Descontentes
Ao triste som do aborrecido sino,
Se levantam em pe os Prebendados,
E fazendo uma longa reverencia,
Correm velozes, por fugir da mulcta,
A ganhar no alto côro os seus assentos,
Alli mesmo, primeiro que rezassem,
A seus sabios Collegas proposeram
Que, para resolver certo negócio
De maior interesse ao grande Corpo,
Preciso vinha a ser, que ao outro dia,
Em que o Deão da Terra s' ausentava,
Se ajunctasse o Cabido. Na proposta,
Sem nenhum discrepar, todos concordam.
Engrolados os psalmos, para casa
Cadaum se partiu, em si pensando
Qual sería o negócio, que obrigava
O Cabido a chamar. Alguns julgavam
Que a pia d'agua-benta se mudava :
Outros, cheios de gôsto presumiam,
Que para se vender mais caro o trigo,

Que no commum celleiro se guardava,
Algum celeste arbitrio se encontrara.

Mas o famoso Bastos, d'outra sorte
Comsigo discorria : « Certamente,
Para nos distinguir da baixa plebe
Dos vis Beneficiados, d'esta feita,
(E como se ufanava !) Se nos manda,
Que de verde forremos as batinas;
E que chapeo azul, com borlas brancas
Tragâmos na cabeça. » N'este ponto,
Em si proprio, de gôsto, não cabendo,
Pulava para o ar, batia as palmas.
Não d' outra sorte o misero mendigo,
Que sonha achar thesouros soterrados,
Se alegra, salta, e folga, e s' imagina
Igual ao gran' Sophi da rica Persia;
Que o vão Capitular, que ja se pinta
Na sua extravagante phantasia
A par do gran' Lamá, no fausto, e pompa,
Ou do fero Muphti dos Musulmanos.

Cheio d'estas ideias entra em casa,
E para dar seu voto na Assemblcia
Com mais legalidade, pedir manda
Ao Rabula do Céa alguns Auctores,
Que os canones sagrados commentaram.

O docto Accursio, todo satisfeito

De podêr grangear um Prebendado,
Esperando medrar per esta via,
E vestir alguma hora a roixa murça,
Digno premio das suas gordas lettras,
Lhe envia o Bertachino, o grande Granha,
Tamborino, Escolano, Spada, e Píchler,
Meninas de seus olhos, flor, e honra
Da rançosa indigesta livraría.

O bom Conego, vendo os grossos tomos,
De prazer, em si proprio, não cabia:
Julgando, pelo vulto dos volumes,
Que d'elles qualquer seja Auctor de arromba;
Ja, sem demora ordena, que lhe tragam,
Para um voto lançar, que similhante
Nas decisões da Rota não se encontre,
Papel-de-Hollanda, pennas, e tincteiro:
E para que completo em tudo fôsse,
A Roda-da-fortuna, e Crystaes-d'alma (1)
Trazer manda tambem, fazendo conta
De, em partes, lhe cirzir alguns pedaços,
Que incantado o deixaram, quando os lera.
Isto ordenado, para a banca chega,
O lenço tira, o grosso monco assoa,
Toma tabaco, escarra, os livros abre,
E a folhear começa; porêm vendo
Que nada intende do que está escripto,
Para a ceia se chega, e enchendo a pança,

Se foi a repousar no brando leito.

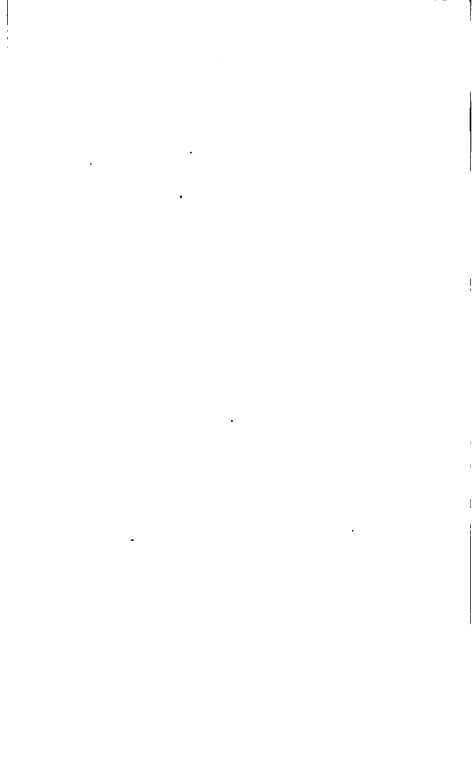
Ja a vermelha Aurora, derramando,
Do candido regaço, sôbre os prados,
Mil roscidas boninas, despertava
Com a trémula luz de sette côres,
Os miseros mortaes a seus trabalhos;
Quando, na grande sala do Cabido,
Se ajunctam os zelosos Prebendados;
E tomando, per ordem, seus assentos,
Depois d'um breve espaço de silencio,
Alçou-se o grande Abreu, com rosto grave,
E feita uma profunda reverencia,
D'esta sorte fallou : « Cabido egregio,
Exemplar de Cabidos, e virtudes;
Bem sabe vossa illustre Senhoria,
Que goza felizmente a insigne honra
De ter por chefe, por pastor, e Bispo,
Um ramo do real portuguez Tronco :
Tambem sabe, que a glória da cabeça
Aos mais membros s' estende; e além d'isto
Occulto lhe não é quanto se empenha
Em honrar sua Sé este Prelado.

Tu, sancta-quarentena, tu o dize;
Pois viste a importantissima refórma,
Que em nossas grandes capas fez zeloso
Este grande Prelado, não soffrendo.

E inchando do pescoço as cordoveias,
Infere, grita, prova, e nada colhe;
A voz alçando grave e magestosa,
N'esta fórma votou : « Lavrar-se deve
Um terribil Accordão, que de exemplo,
Da historia nos annaes, a todos sirva :
O farfante Deão seja obrigado,
D'elle em virtude, a desistir da fôrça
Que ao bom Prelado faz na sua posse,
Fulminando-lhe mulctas, e outras penas :
Este Cabido tem auctoridade
Para o fazer : em muito bons auctores
Assim o tenho lido : este é meu voto. »

— O Bastos, n'esse instante, homem versado
Na lição de Florinda, e Carlos-Magno,
Quiz metter seu bedelho : mas Andrade,
De seu discurso não fazendo caso,
Do docto Magistral o voto apoia
Com mil textos, que aponta a troxe moxe;
No Sexto, Decretaes, e Clementinas
Capitulos inteiros terminantes,
Para proval-o, encontra; e a outra turba
Que, co'o queixo caído, os escutava,
Arqueando, de pasmo, as sobrancelhas,
No que dizem os dous, prompta, concorda.

Em vão o Thesoureiro, em vão o Chantre,

(Homens austeros, que adular não sabem)
S'oppoem tres vezes ao sinistro Accordão;
Que a Lisonja astuciosa (que volíta
Sôbre suas cabeças invisibil,
E seus votos inspira) faz que todos,
A calar-se, os obriguem: murmurando;
E levados da fôrça da torrente,
Assignaram tambem o vão decreto.

O Hyssope.

CANTO QUARTO.

N'UMA casa-de-campo, descuidado,
Entretanto passava, alegremente,
O farfante Deão os longos dias
Em que Phebo insoffrido, unindo as furias
Ás que raivoso vibra o Cão celeste,
Abrasa as calvas terras Transtaganas:
Quando o Monstro veloz, que per cem olhos
Todas as cousas ve, e as cousas todas
Per cem bôccas, cem linguas palra, e conta;
Com cem azas fendendo os largos ares,
Aos ouvidos lhe leva a cruel nova
Do barbaro decreto. Em paz serena
Então jogando sua Senhoria,
Ganhava um real-róber: mas apenas
As orelhas lhe fere o infausto aviso,
Quando subitamente lhe caíram
Das mãos as cartas. Pallido e suspenso,
Largo espaço, ficou. — Não de outra sorte

Immobil jaz, qual o mancebo hardido,
Que seguindo no campo, com seus galgos,
O fugace animal, subitamente
Ante os pés do cavallo, vê a terra
Em profundos abysmos despenhar-se; —
Mas das potencias recobrando o uso,
Que o subito desgôsto lhe embargara,
Escumando de raiva, entre si disse:
« Pois não querem a paz, haverá guerra.
Vós, sanctos Ceos, e tu, astro brilhante,
Que o dia trazes, e que o dia levas,
E que eu nascer não vejo, ha longos annos!
Vós testimunhas sois, se eu pretendia
Mais que em paz desfructar minha prebenda,
Comer, jogar, dormir, e divertir-me.
Mas já que tu, ó Bispo revoltoso!
E tu, infame adulador Cabido,
A mudar me obrigaes, com vis cabalas,
De tam sancto proposito, — até onde
Chegam dos Laras o valor, e o brio,
D'esta vez provareis. » Isto dizendo,
Levanta-se furioso, e sem respeito
Ao real-róber, que ganhado tinha,
(Tanto póde a paixão no peito humano!)
Assim mesmo, e sem ver quanto indecente
Foi sempre á Senhoria andar á pata,
A caminho se pos, aos ilhaes dando,
Suado e melancolico entra em casa.

Alli, sem socegar, ora passeia
Pela comprida sala, ora se assenta,
Ora comsigo falla. Em vão a meza
Os criados lhe poem; em vão os gordos
E tenros Perdigotos, a salada,
A fructa, o vinho, os dôces o convidam;
Que, sem ceia, esta noite foi deitar-se.
Alli a molle pluma se lhe torna
Em duro campo de cruel batalha.
Mil cuidados o investem; seu decóro
Atrozmente offendido, a todo o instante,
Á memória lhe vem: ora d'um lado
Os lassos membros volve, ora do outro:
Suspira, tosse, escarra, e abrindo a caixa
Toma o insulso rapé, e não socega.

A triste Senhoria, que chorando
A deshonra commum, aos pés do leito,
Companhia lhe faz, compadecida
De seu desassocego, veloz parte
A trazer-lhe um pesado e doce somno.

Entre as rochas do Bósphoro Cimmerio (1)
Uma grutta se ve, onde não entra
Jamais a luz do sol: sombria alcova,
Onde, em triste lethargo submergido,
Repousa o deus do somno, coroado
De brancas priguiçosas dormideiras.

Emtôrno ao torpe albergue não se escuta,
Com seu canto, chamar o esperto Gallo
Da Aurora a clara luz; nem n' alta noite
Ladrar raivosos cães; mas so murmúra
Um placido ribeiro, que respira,
Com o surdo rumor, paz, e descanço.
Outros menores Somnos, fertil prole
Do indolente Morpheu, alli assistem.
Tanta espiga não doura a fertil Ceres
No caloroso Estio; tantas flôres,
Na fresca Primavera, pelos prados
Fecunda não produz a Madre-Terra,
Quantos alli se vêem, todos diversos
De genios, de costumes, de figuras!
Uns de lugubre aspecto, outros de ledo,
Muitos pesados são, muitos são leves;
Estes, entre vãos sonhos, de contino
Pela escura caverna andam voando;
Os olhos teem cerrados, e dormindo,
De mil hervas lethargicas o succo
Espremem d'entre as mãos. Caladamente
Aqui se chega a triste Senhoria,
E um d'elles, pelas azas, agarrando,
Á casa do Deão, comsigo o leva,
Que urrando de desgosto, não dormia:
Mas mal o lumiar tóca da porta,
Quando o humor somnolento, derramado
Do Somno pelas mãos, aos olhos chega

Do desperto Deão, que logo os cerra,
E a resonar começa docemente.

Então o Genio em sonhos lhe apparece,
E fallando com elle assim dizia:
« Que é isto, illustre Lara? Assim desmaia
Teu forte coração! Como é possibil,
Que quem póde soffrer o grave aspeito,
Em Roma, das maiores Personagens,
Sem susto, sem temor, — hoje esmoreça,
Perca toda a constancia, trema, e gele,
So á vã ameaça d'um Cabido,
A quem faltou, sem ti, alma, e cabeça?
Animo pois, valor, e segurança,
Que o campo cederão os inimigos.
N'esta cidade tens discretas pennas,
Tens de Serpa o Ouvidor, que o velho Accursio,
E Bártholo o famoso so despreza,
Por que idólatras foram, e adoraram
A Jove, Marte, e Juno, divindades
A quem aras ergueu o Paganismo.
O Céa tens tambem, tens o Fernandes,
Oraculos de Astrea, que seu dente
Em canones tambem mettem ousados;
Estes consulta, e segue os seus dictames,
Para o orgulho abater de teus contrarios. »

— « E tu, quem es, Espiritu celeste,

(O Deão incantado, lhe pergunta,
Da graça que no rosto lhe scintilla)
Que a consolar-me vens nos meus trabalhos? »
— « Eu sou (ella lhe torna) a Senhoria,
A quem, com tanto extremo, tu adoras. »

A estas vozes, da cama salta fóra,
Per terra se lhe prostra, bate os peitos,
De gôsto dôces lagrymas derrama,
Bejar-lhe quiz os pés; mas n'este instante,
Ella desapparece, e elle acorda.

Ja o sol, esmaltando com seus raios
A alegre terra, entrava ás furtadelas,
Das cerradas janellas pelas fisgas,
E as importunas moscas começavam,
Com seu lento susurro, e com os curtos
Aguilhões, que nas caras lhes cravavam,
Os poltrões acordar, que inda dormiam:
Quando o nosso Deão, todo engolphado
Na Celeste visão, se veste alegre;
As meias *gris-de-fer*, e mais as luvas,
A casaca de sêda, e mais a capa,
Em signal de prazer, preparar manda;
O crescente penteia, e todo guapo
E do po sacudido, sai de casa.

Ha d'Elvas na cidade um escriptorio,

Onde assiste a Trapaça, e o Pedantismo.
Alli os feios monstros consultados,
Do gritador Fernandes pela bôcca,
Suas respostas dão á rude plebe.
Aqui o reverendo Prebendado
Seus passos encaminha, e aqui chega,
A tempo que, de chambre, o novo Caio
A um rude Camponez, que o consultava,
D'uma fraca jumenta sôbre o esc̃aibo
Com outro seu visinho, respondia:
Mil livros tem abertos, e mil textos
Em latim, *ad formalia*, lhe repete.
Mas se o Rustico d'elles nada intende,
O Doctor muito menos intendia:
« O seu caso (lhe diz) proprio, escarrado
N'este livro, aqui temos; va seguro,
Que, a seu favor, terá final sentença. »

. . . . . .

N'este momento sua Senhoria
Á porta chega, e o gran' Consulto, ao vêl-o,
Logo o Rustico deixa, e vai buscal-o.
Á parte se retiram; e no caso,
Que o Deão lhe propõe, ambos conferem.
Aqui a livraria vem abaixo;
De poeira uma nuvem se levanta,
Que sai dos velhos e traçados livros:
Em vão sacode os punhos, e a casaca
O bom Deão; que quanto mais sacode,

Mais poeira dos livros vem caindo.
Lê, e relê o gran' Jurisconsulto,
E depois consid'rando, assim conclue :
« Á metrópole vossa Senhoria
Deve logo appellar. Isto me ensinam
Os doctores, Senhor, que tenho lido. »
— « Inda assim (replicou o fôfo Lara)
Veja vossa mercê sempre o que dizem
No ponto Van-Espen, Dupin, Barthelio :
Estes livros louvar, e seus Auctores,
N'uma docta Assembleia tenho ouvido. »

— « Que Van-Espen, Dupin, e que Demonio?
(Disse o Consulto então excandescido)
Esses nomes jamais, esses escriptos,
Nem ouvi repetir, nem meu peculio
Com elles uma vez allega, e prova :
Sem duvida serão d'alguns Herejes.
Aqui temos o bom Panormitano
Em grande lettra-gothica, os Fagnanos,
Valenças, Belarminos, Anacletos :
Estes sim, que são livros de mão-cheia ;
E não esses Auctores estrangeiros,
Que com sua doctrina a Igreja empestam :
O que lhe digo, faça : appelle, appelle ;
E deixe-se do mais, que é parvoíce.
Advirto-lhe tambem, que não se esqueça
De pedir os Apostolos ; e sejam

Os reverenciaes, por que suspendam
Do malevolo Accordão os effeitos;
E não uma so vez; mas muitas vezes,
Com mais e mais instancia, instantemente. »

— « Isso (diz o Deão) é escusado:
Eu conservo, entre varias baforinhas
(De Agnus Dei, de Veronicas, de Breves,
Que truxe la de Roma, e ao despedir-me,
Me deu o Passionei) uma cabeça
Do glorioso san' Pedro, cousa rara!
Obra de insigne mestre! Talvez este,
Como principe foi do Apostolado,
Baste no nosso caso, a serem n'elle
Os sagrados Apostolos precisos.
Veja, Doctor, se tem isto caminho,
Por poupar-me a vergonha de pedil-os. »

— « Não são esses (surrindo-se, lhe torna)
Mas outros, os Apostolos, que digo,
E que precisos são em nosso caso:
Esta phrase, Senhor, entre os Praxistas,
Tem diverso sentido, e significa
O como a appellação deve expedir-se.
A alguns d'estes modernos tenho ouvido
Que fôra no romano Foro usada,
E n'elle os Canonistas a pescaram:
Eu porêm d'este achado, e d'outros muitos

De que elles se presumem os Auctores,
(Do bom Phebo, bom Mendes, e bom Pêgas,
A luz e norma dos que o Foro cruzam,
Com punivel despejo motejando!)
Ca para mim me rio; pois não acho
Em meu peculio similhante nota.
Faça pois, sem demora, o que lhe digo,
Que outra estrada não tem, per onde pôssa
Do Accordão escapar á sem-justiça. »

Corrido, e aconselhado ao mesmo tempo,
Do Doctor o Deão se despedia;
Quando o Consulto dando uma palmada
N'um livro, que na banca estava aberto:
« Espere (lhe gritou) que n'este instante
Uma cousa me lembra de substancia:
De Juizes venaes e corrompidos
Tudo esperar se deve; e deve tudo
Com tempo prevenir, o que é prudente.
E como os seus, Senhor, são d'esse porte,
Se deve receiar, que levianos
A sua appellação ousem negar-lhe:
Assim, por evitar longas ambages,
Que dinheiro, paciencia, e tempo gastam,
Será melhor que vossa Senhoria
Appelle logo, — *coram probo viro.* »

— « E que querem dizer, Doctor amigo,

Essas palavras, — *coram probo viro?*
Que eu do latim estou quasi esquecido :
Sem embargo de que (volvia o Lara)
Quando fui estudante, era eu uma Aguia,
(Não o digo, Doctor, por fanfarrice ;
Que eu de bazofia nunca tive nada)
Em declinar veloz nominativos :
E na classe o tropheu levei mil vezes ;
Por signal, que de têl-o, boas fitas
O Mestre me rapou, que era um alambre.
Mas voam, voam os ligeiros annos,
E damninhos, comsigo, tudo levam,
Os gostos, a saúde, e a memória ;
E qualquer rapazinho agora póde
Rachar-me com quinaus afoutamente. »

— « Querem dizer, que vossa Senhoria
(O Fernandes lhe volta) appellar deve
Perante algum Varão, que em dignidade
Constituído seja ; *verbi-gratia*,
O Guardião dos Capuchos, dos Paulistas
O Reitor, o Prior dos Dominicos :
Este foi efficaz, prompto remédio,
Que os famosos lettrados Palma, Decio,
Bartolo, Castro, e Baldo descobriram
Contra injustos Juizes, que denegam
A justa appellação aos Litigantes.
Esta lembrança é minha ; não intenda

Que, por gabar-me, o digo; os meus estudos
Assás notorios são n'esta Cidade.
Nove vezes (não tracto por agora
Do Auctor da Arte-legal, nem do Perfeito-
Advogado, ou do Flaviense Gomes,
Por serem todos tres de menos polpa)
Tenho lido, e cotado em mil logares
O grande Portuguez Cabral, Vauguerve,
E o famoso Bremeu, de cujo livro
Faz logo ver o titulo a grandeza;
O mesmo digo do moderno Campos;
Sem que o nosso Ferreira me escapasse;
Auctores todos de maior chorume,
Que esses seus Zalweins, qu' os seus Barthelios.
Esta lembrança pois (a dizer tórno)
Nem todos a teriam; não o Céa,
Não o Doctor Caetano, e a récua toda
Dos novos lettradinhos á franceza,
Que sem tregoa as orelhas nos martellam,
Não sei com que Noodts, nem com que Strachios,
E outros galantes nomes taes como estes,
Que na bôcca não cabem, nem a lingua
Póde, bem que se afane, pronuncial-os :
Mouriscos devem ser, ou eu me engano,
Que Christãos nunca usaram de taes nomes.
Va pois, Senhor Deão, e sem receio
A sua appellação prompto interponha,
Que aos Juizes depois intimar deve,

Se quer das mulctas escapar ao raio,
Que o terribil Accordão lhe fulmina.
Não durma sôbre o caso, nem descance :
Que, segundo a vulgar regra em Direito,
O direito aos que dormem não soccorre. »

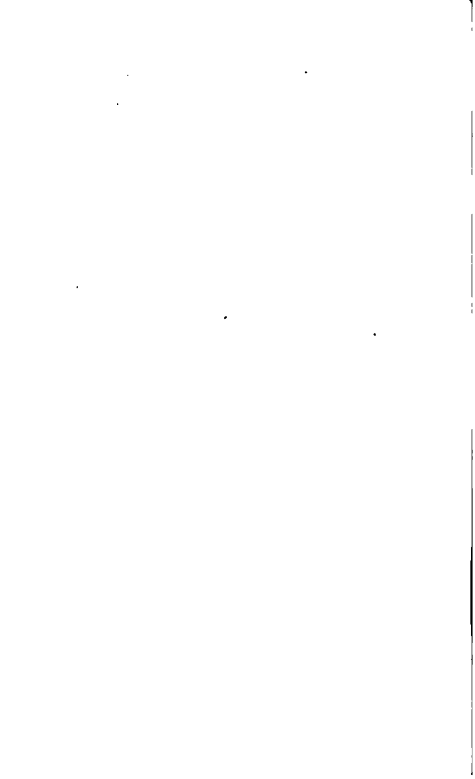
— « Essa regra, Doctor, é o Diabo!
Merecia, o que a fez, as mãos cortadas :
(O Deão assustado repetia)
Visto isso, por amor d'esta demanda
Hei-de eu perder a paz, e o meu socêgo,
Não dormir, vigiar continuamente?
Ó ditoso Arganaz, e tu, Marmota,
Que sem demandas ter, nem ter cuidados,
Passaes dormindo quasi o anno inteiro!
Ó quanto mais feliz é vossa sorte,
Que a nossa, tristes homens! Pois, se acaso
Queremos defender nosso direito,
O direito nos deixa, se dormimos!
Meu Doctor, se essa regra é verdadeira,
Fique o malvado Accordão subsistindo,
Chovam embóra sôbre mim as mulctas,
O vestido de sêda, a loba, a murça,
Pela agua abaixo vão, tudo se perca,
Com tanto que eu não perca um so instante
Dos meus suaves regalados somnos. »

Aqui, com branda voz, o bom Fernandes

Ao afflicto Deão assim consola :
— « Senhor, os textos tanto ao pe da lettra
Se não hão-de intender, como imagina ;
Não é da mente pois do gran' Consulto,
Que esta regra dictou prudentemente,
Que não devam dormir os pleiteantes,
Que isso seria desmarcada asneira :
Sua tenção somente foi lembrar-nos,
Que quem litigios tem, e quer vencel-os,
Deve tudo attentar, e ser experto. »

— « Isso agora (cobrando novo alento,
Diz o Deão farfante) é outra cousa.
Por experto, não tenha, Doctor, mêdo,
Que me haja de vencer o gordo Bispo;
Que aqui, onde me ve, sou gran' laverco :
Muitas vezes no Whist, estando a nove,
Na segunda partida, os meus Contrarios,
De taes artes me valho, taes maranhas,
Que, não tendo mais qu' um, lhes ganho o róber. »

Isto dizendo, e feita uma zumbaia,
Do Doctor Bartolista se despede;
E mais ligeiro, que um ligeiro galgo,
Para casa direito o fio toma,
Onde, sem se despir, manda lhe tragam
Prestemente a comida, e prestemente
Engole, pensativo, alguns bocados;

E na mesma cadeira, sem deitar-se,
Umas vezes dormindo, outras pensando,
Por algum tempo recostado fica.

O Hyssope.

CANTO QUINTO.

Ainda o chylo bem não tinha feito
O farfante Deão; quando, lembrado
Do—*coram probo viro*—do Fernandes,
Abre a caixa, e tomando uma pitada
De mofoso tabaco, assim dizia :
« Que inercia é esta? Que priguiça, ó Lara!
Que os membros, e sentidos te adormenta,
Quando por inimigos tens em campo
O gordo Bispo, o Abreu, o Ramalhete,
Velhacos todos da primeira plana?
Á lerta, Lara, pois, á lerta, á lerta;
Que o Direito aos que dormem não soccorre
E cumpre aos litigantes ser expertos. »

Isto dizendo, o corpo inteiriçava,
E abrindo a bôcca, e os olhos esfregando,
A modorra sacode em que jazia;
E o suado crescente endireitando,

Sem attender ao sino, que o chamava
A vesporas tocando, nem á mulcta,
Que a bolsa lhe ameaça, sai de casa,
E per baixo da calma, com que assava
Syrio, ladrando, a sequiosa terra,
Aos Capuchos, de trote, s' encaminha.

Sôbre uma agra montanha, que se estende,
Em pequena distancia dos suberbos
Guerreiros muros da triumphante Elvas,
O célebre Convento se levanta.
Aqui, da molle Inercia no regaço,
Das austeras fadigas descançando,
Da provincia se ve cem Padres graves,
Ex-guardiães, ex-porteiros, ex-leitores,
Ex-provinciaes, e alguns d'estes famosos
Polas artes subtis, pola ardileza,
Com que forçado teem o Sp'ritu-Sancto,
Nos rixosos capitulos, mil vezes,
Os votos a seguir de seu partido.
D'estes tambem no meio, alli se encontram
Do gordo badulaque ex-cuzinheiros,
Na fumosa cuzinha, entre as tisnadas
Certãs fuliginosas, e marmitas,
Com grande glória sua, jubilados.

Aqui, suando pois, como um cavallo,
Chega o Deão, a tempo que o Porteiro

A porta da clausura prompto abria;
E vendo do Deão a gran' fadiga,
D'esta sorte lhe diz, sobresaltado:
—«Que é isto, meu Senhor? Qu' estranho caso
Aconteceu a vossa Senhoria,
Que per baixo de calma tam intensa,
A nossa casa o traz tam affrontado?
Matou acaso algum dos seus Collegas?
Roubou a sacristia? ou, do Diabo
Tentado, violou alguma virgem,
E asylo vem buscar na nossa igreja?»

—«Nenhum d'esses desastres, Deus louvado!
Me succedeu (o Lara lhe replíca)
Ao Padre-Guardião somente quero
N'um negocio fallar, se for possibil.»

—«Inda bem: pois cuidei que era outra cousa;
(Lhe torna o bom Porteiro) e de assustado
Fiquei sem sangue, em quasi todo o corpo.
O Padre-Guardião, antes das cinco,
Não costuma da sésta levantar-se;
Mas por servir a vossa Senhoria,
A despertal-o vou: no emtanto, póde
La na cêrca esperar, tomando o fresco.»

Isto dizendo, ao dormitorio sóbe;
E o Deão, caminhando para a cêrca,

Com outro Reverendo acaso topa,
De gran' barriga, de cachaço gordo,
Que attento o comprimenta, e acompanha.

Quiz então a fortuna, que este fôsse
Um dos Padres mais graves da provincia,
Ex-guardião, Ex-leitor, e jubilado,
De todos o mais docto, excepto o Arronches,
Pregador de gran' fama na cidade.

O bom Lara, que havia longo tempo,
Que n'esta sancta casa não entrava,
Aturdido ficou, quando a seus olhos,
Na cêrca entrando, junctos se lhe offrecem
As areiadas ruas, as estátuas,
Os buxos, os craveiros, as latadas
De mil flôres cobertas, e que, emtôrno,
O virente jardim adereçavam;
E não bem quatro passos tinha dado,
Quando, fitando curioso a lente
Na státua, que primeira alli se encontra,
Pergunta ao Jubilado: — « Quem é este
Monsieur París? segundo diz a lettra
Que per baixo, na base, tem aberta:
Se se houver de julgar pela apparencia,
O nome, a catadura, o penteado
Dizendo-nos estão que este bilhostre
Foi Francez, e talvez cabelleireiro,

Inventor do topete, que o enfeita. »

— « Páris, e não París diz o lettreiro,
(Circumspecto lhe volve o Padre-Mestre)
Nem Francez, como crê, cabelleireiro
A personagem foi, que representa;
Mas em Troia nasceu d' estirpe régia. »

— « Pois, se Francez não foi (replíca o Lara)
Como Monsieur lhe chamam? »
— C'um surriso
Lhe torna o Padre-Mestre: « Não se admire
Que isto está succedendo a cada passo:
Ao pe de cada canto, hoje, sem pejo,
Se tractam de Monsieurs os Portuguezes (1).
Isto, Senhor, é moda; e como é moda,
A quizemos seguir; e sôbretudo
Mostrar ao mundo, que francez sabemos. »

— « De tanto pêso pois (lhe volta o Lara)
É, Padre-Jubilado, per ventura,
O saber o francez; que d'isso alarde
Fazer quizessem vossas Reverencias?
Per acaso, sem esse sacramento,
Não podiam salvar-se, e serem sábios?
Pois aqui, em segrêdo, lhe descubro,
Que o francez, para mim, o mesmo monta,
Que a lingua dos selvajens Boticudos. »

— « Não diga, Senhor, tal; que n'este tempo,
Ó tempos! ó costumes! (diz o Padre)
O saber o francez é saber tudo.
É pasmar ver, Senhor, como um pascasio(2)
De francez com dous dedos, se abalança
Perante os homens doctos e sisudos,
A fallar nas sciencias mais profundas,
Sem que lhe escape a sancta Theologia;
Alta sciencia aos claustros reservada,
Que tanto fez suar ao grande Scoto (3),
Aos Baconios, aos Lullos, e a mim proprio.
D'esta audacia, Senhor, d'este descoco,
Que entre nós, sem limite, vai lavrando,
Quem mais sente as terriveis consequencias
É a nossa portuguez casta linguagem,
Que em tantas traducções anda envasada
(Traducções, que merecem ser queimadas!)
Em mil termos, e phrases gallicanas (4)!
Ah! se as marmoreas campas levantando,
Saíssem dos sepulcros, onde jazem
Suas honradas cinzas, os antiguos
Lusitanos Varões, que com a penna,
Ou co' a espada, e lança, a Patria ornaram;
Os novos idiotismos escutando,
A mesclada dicção, bastardos termos,
Com que enfeitar intentam seus escriptos
Estes novos ridiculos Auctores;
(Como se a bella e fertil lingua nossa,

Primogenita filha da latina,
Precisasse d' estranhos atavios!)
Subito, certamente, pensariam
Que nos sertões estavam de Caconda,
Quilimane, Sofála, ou Moçambique;
Até que, ja por fim, desenganados
Que eram em Portugal, que os Portuguezes
Eram tambem, os que costumes, lingua,
Per tam estranhos modos, affrontaram,
Segunda vez de pejo morreriam.
Mas elles teem desculpa; a negra fome
Os miseros mortaes a mais obriga:
Sem saber o que escrevem, escrevendo
Buscam d'ella o remédio, e como logram
Os fins de seus intentos; o que escrevem,
Seja ou não portuguez, isso que monta?
Quem desculpa não tem, nem a merece,
E quem vedar-lh'o deve, e não lh'o veda:
Mas por ora deixemos estas cousas,
Que o mundo corrigir a nós não tóca.
Este (como dizia) foi Troiano,
E nos campos, que o phrygio Xantho corta,
Guardando, em dôce paz, o seu rebanho,
Eleito foi juiz do grande pleito,
Que Juno, e Pallas, entre si, com Venus,
Sôbre a belleza, um tempo, sustentaram;
No qual, não sei porêm se com justiça,
Deu a favor de Venus a sentença,

Entregando-lhe o rico pomo de ouro (5),
Que a Discordia lançara n'um banquete. »

—«Ja n'esse pleito ouvi, se bem me lembro,
E no pomo fallar (lhe volve o Lara)
Mas o tal Monsieur Páris foi um asno
(Perdoe a sua ausencia.) Se na causa
De ser juiz a sorte me coubera,
Daria, mal ou bem, minha sentença,
Conforme o meu bestunto me adjudasse,
Sem em nada gravar a consciencia;
Mas a maçã, havia d'eu papal-a,
Pelas custas, por certo: e quando muito,
Daria á Vencedora d'ella as cascas.
Mas, diga-me, meu Padre-Jubilado,
Se gado apascentou esse marmanjo,
Como de cortezão está vestido,
De cabello, de bolsa, e penteado? »

— « Essa é boa! (replíca o Reverendo)
Pois parece-lhe, a vossa Senhoria,
Que lhe bastava o sêcco tractamento
De Monsieur, que lhe démos, e um cajado,
Um intonso cabello, uma samarra? »

— « Essa razão me quadra (diz o Lara.)
E esta Madama Helena (continúa)
Que d'elle está defronte, per ventura

É Troiana tambem, ou é Franceza,
Como do penteado mostra o gôsto? »

— « Não foi, Senhor, Franceza, nem Troiana;
(Responde o Padre-Mestre) d'alto sangue,
Em a Grecia nasceu; e no seu throno
Esparta um tempo a viu: mas sceptro, espôso,
A patria, a fama, a glória d'alta estirpe,
Tudo deixoù por Páris. »
— « Pois que! o espôso,
A cara patria, o sceptro, a fama, a glória,
Tudo deixou por esse barbas-d'alho?
Valente marafona foi por certo,
A tal Madama Helena! E quem foi esta?
Diz a lettra, Madama Pena-Lopes,
(Proseguia o Deão) talvez sería
Tam boa, como ess' outra? »
— « Essa (respondo
O docto Jubilado) é d'outra laia :
A famosa Penélope foi esta,
Do conjugal amor, da fe jurada,
Do sagrado Hymeneu nas castas aras,
Um perfeito exemplar; grande matrona;
Boa mãe-de-familias; e extremada,
Entre as mais do seu tempo, tecedeira.
N'uma têia gastou mais de dés annos... »

— « Que me diz, Padre-Mestre? está zombando!

(O Deão aturdido lhe replíca)
Em urdir, e tramar uma so têia
Dés annos consumia a tal Madama!
E diz-me que foi grande teceloa?
A minha Ama... e mais é uma zoupeira,
N'outro tanto não gasta nove mezes:
E comtudo, não passa, entre as peritas,
Por grande sabichona n'este officio. »

— « N'isso mesmo é que esteve a habilidade,
(O Padre lhe tornou) pois que de noite,
O que obrava de dia, desmanchava. »

— « Peior! (diz o Deão) Isso é o mesmo,
Que para traz andar, qual caranguejo.
Jurarei em cem pares d' Evangelhos
Que essa mulher perdido tinha o siso. »

— « Perdido o siso! Que galante cousa!
(O Padre lhe tornou) antes no mundo
Nunca mulher se viu tam atinada;
E digna de passar á eternidade,
Sôbre as azas da pósthuma memória.
Foi prudencia, Senhor, o que estultícia
A sua phantasia lhe figura:
Pois se assim practicava, era somente
Por enganar (em quanto o caro espôso
Da prolongada ausencia não volvia)

Cançados rogos de importunos procos,
Que aspiravam do seu consorcio á glória.
Arachne, que Minerva vingativa
Em Aranha tornou, por arrojar-se
A competir com ella; certamente
Lhe não levara no tecer a palma. »

— « Cómo é isso? (o Deão diz assustado)
Pois, salvo tal logar, um homem póde,
(Isto fallando, todo se persigna)
Ou póde uma mulher, em feio bicho
Ou animal quadrúpede mudar-se? »

— « Isto fabulas são, com que os antiguos
Quizeram explicar aos seus vindouros
De muitos animaes a industria, e a arte;
E além d'isso ensinar que ás diviudades
Se deve ter um grande acatamento.
Mas, que acontecer póssa, quem duvída?
(Dizia gravemente o docto Padre.)
Não fallo agora das antiguas Lamias,
Que inteiros enguliam os meninos,
De Circe, de Medea, nem d'Alcina,
Ou da velha Canidia, de quem conta
O bebado de Horacio as nigromancias:
Todos sabem, que todas estas Bruxas,
Em ossudos Leões, manchados Tigres,
Em hardidos Ginetes, negros Ursos,

Ou em Toupeiras vis, vis Musaranhos,
A seu sabor, os homens convertiam.
Além d'isso, Apuleio (6) nos informa
Que, per malicia d'uma certa Fótis,
Em Asno, n'um instante, se formara,
E como Asno passara mil trabalhos.
Não tem ouvido vossa Senhoria,
Ruídosos Cães uivar, la n' alta noite?
Pois que querem dizer aquelles uivos,
Senão, que anda no bairro Lobis-homem;
Ou homem, por fadario, transmudado
Em Jumento orelhudo, ou em Sendeiro? »

— « Sancto Breve-da-marca! (aqui exclama
O farfante Deão, de temor cheio;
E logo proseguiu.) Se minha estrella
Ordenado me tem, que per incantos
De alguma Feiticeira, ou Nigromante,
Em fero bruto eu haja de mudar-me,
Praza a vós, sanctos Ceos! ao Fado praza
Que, antes do qu' em Sendeiro lazarento,
Em brioso Cavallo elles me mudem:
Pois assim poderei, inda algum dia,
A sorte vir a ter de ser pae d'Eguas:
Que bons Potros darei da minha raça!
Mas, se muito julgais o que vos peço,
Ao menos concedei-me que em Fuinha,
Ou matreira Raposa me transtornem;

So para do Bispo ir ao gallinheiro,
De quantas aves tem a dar-lhe cabo. »

Socegado o Deão do seu espanto,
Ao bom Padre pergunta: — « E quem é este
Circumspecto Monsieur, que ca s' enxerga? »
— O Padre-Mestre, vendo-se obrigado
A recontar d' Ulysses os trabalhos,
Para o tempo ganhar de recordal-os,
Ronca, escarra, da manga o pardo lenço
Saca, nas espalmadas mãos o tende;
Em ambas sopesado o leva á penca;
Com'strondo se assoa, e dobrado o colhe:
D'esturro então sorvida uma pitada,
O hábito sacode; aos sobacos
Alça o cordão, arrocha-o na casola,
E de papo ao Deão assim responde:
« Esse que ahi está, nem mais, nem menos,
É o facundo decantado Ulysses,;
De Madama Penélope marido:
De todos quantos Gregos aportaram
Da neptunina Troia ás curvas praias,
O mais prudente foi, excepto o velho
Nestor, que viu dos homens tres idades.
Este, depois que a cinzas reduzido
Foi o fero Ilion, per suas traças,
E da altiva Cidade so ficara
O campo, em que imperiosa antes estava;

Voltando á Patria amada, carregado
D'altos despojos da immortal victória,
De Neptuno soffreu a cruel sanha,
E dos ventos, e vagas açoutado,
Undívago correu per longos mares,
Vendo de muitas gentes as Cidades,
As várias artes, os costumes varios,
Até que levantou, na foz do Tejo,
A raínha do mar, Lisboa invicta. »

— « Ó grande Fundador da minha patria!
(Aqui brada o Deão) se mãos tiveras,
E se pernas e pés te não faltaram,
Os pés, e mãos, humilde, te beijára!
Mas se manco e maneta aqui te vejo,
E á franceza vestido, a mal não hajas
Que á franceza te beije a fria face. »
Disse : e ao collo, furioso se lhe lança,
E na cara tres beijos lhe pespega.
Passado este pequeno enthusiasmo,
O Lara proseguiu : « E aquell'outro,
Que do jardim no meio se empertiga
Com cara de ferreiro, é per acaso
O grande Ferrabraz d'Alexandria?
Ou Galafre da ponte-de-Mantible? »

— « Esse (responde o Pàdre) foi Alcides,
Cujo tremendo braço, cujos feitos

Ha-de, por certo, vossa Senhoria
Ter ouvido exalçar discretamente,
Em seus sermões, ao nosso Padre Arronches.»

— « Engana-se, Senhor (O Deão volve)
Que eu sermões nunca ouvi em minha vida;
E pôstoque, no côro, muitas vezes,
Em razão d'esta minha dignidade,
A meu pezar, alguns ouvir eu deva;
Em quanto o Padre grita, estou dormindo:
Pois d'outra sorte disfarçar não pósso
A fome, que me ataca a essas horas.
Se eu algum dia for eleito Bispo,
(Como esperar me faz o regio sangue
De Lara, que nas veias me circúla)
Ja desde-aqui, meu Padre, lhe prometto,
Que estes sermões desterre do Bispado;
E se n'elle inda achar quem tenha o flato
De prégar, lhe darei prompto remédio:
Mandarei que, cumprindo seus desejos,
Va prégar aos Herejes, e Gentios,
Que o prémio lhe darão do seu trabalho;
E escusem de quebrar-nos os ouvidos
Com uma insulsa dilatada arenga,
Que ouve, per uso, o povo e não intende,
E a pagar vem, per fim, por alto prêço;
Dando (cousa que muito a mim m'espanta!)
Sem saber o porque, o seu dinheiro.*

Sermões? — E quando quer jantar a gente?
A fome so augmentam, causam somno.
Mas, tornando, meu Padre, ao nosso ponto,
Este Alcides, segundo tenho ouvido,
Foi o maior tunante dos seus tempos. »
— « Foi amigo de Môças? Que tem isso?
Vê-me aqui? Pois com ter mais de setenta,
(Dizia o Jubilado) nem por isso
Onde quer que as eu tópo, lhe perdôo. »

— « Outro tanto de mim, ó quanta mágoa!
(O Deão exclamou) ó quanto pêjo
Me custa, Padre-Mestre, o confessal-o!
Outro tanto de mim dizer não pósso,
E comtudo não passo dos sessenta;
Mas isso é do burel virtude innata.
Agora pois, se á vossa Reverencia
Pesado lhe não fôr, dever quizera
Que d'esse traficante toda a história
Me referisse; pois, segundo penso,
Ha-de ser vária e muito divertida.
Lembra-me a mim que, sendo inda estudante,
Do Bacharel Trapaça, e Peralvilho
De Cordova (7) a história portentosa
Ouvi lêr (por signal, que por ouvil-a,
Na classe pespeguei valentes gazios)
A um Clerigo visinho, bom Poeta,
Que sabía o Borralho todo inteiro,

E tinha uma escolhida livraria;
E confesso-lhe, Padre-Jubilado,
Que nunca, em minha vida, tenho ouvido
Cousa, que ca no gôto mais me désse. »
— « De bom grado o farei, por dar-lhe gôsto
(O Padre lhe tornou, e assim começa):
« Este grande varão Alcmena e Jove
Teve por paes, aindaque gran'tempo
Do forte Amphitrião passou por filho... »

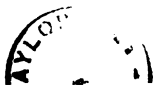
— « Com que, de mais a mais o tal Alcides
De barregã foi filho?... Avante, Padre,
Que o comêço promette grandes cousas. »
(Diz o Deão,
— e o Padre proseguia)
« De tantas fôrças foi, logo em nascendo,
Que inda elle não contava bem dés mezes,
Quando (em logar de bêrço, repousando
N'um escudo de cobre, que a Pterelas
Amphitrião ganhara batalhando)
Duas Cobras, mais grossas qu'um madeiro,
Que entraram a papal-o surrateiras,
No silencio da noite, per mandado
De Juno, que em ciúmes se abrasava,
Rompeu, espedaçou, com mais presteza
Do que eu trinchar costumo uma Gallinha,
Quando com fome estou, na nossa cella:
Digo — na cella; — pois no refeitorio

Esta ave nunca entrou; que n'elle reina
Somente o Bacalhau, e talvez podre.
Depois, sendo mancebo, a estrebaria
De Augias alimpou, façanha grande...! »
— N'este ponto o Deão ter-se não pôde,
Sem que esta sabia reflexão fizesse :
« Filho de barregã! môço-de-mulas!
Vejam de que relé era a criança! »

— « Logo (prosegue o Padre-Jubilado)
Fez maiores acções; um Leão fero
Na floresta Nemea, cara á cara,
Destemido affrontou; e lhe machuca,
Com a pesada maça, o duro casco... »

Aqui chegava o Padre em sua história,
Quando o experto Deão, á porta vendo
Da cêrca o Guardião, que a vel-o vinha,
Inda do somno os olhos esfregando,
O fio lhe cortou, em altas vozes
Ao Guardião gritando : « Appéllo, appéllo,
Perante vossa sábia Reverencia,
Varão constituído em dignidade,
Da affronta que me faz o meu Cabido,
Pretendendo com mulctas constranger-me
A vir apresentar ao gordo Bispo,
Á porta da latrina, o sancto Hyssope.
Peço tambem, com todo o acatamento,

Os reverenciaes Apostolos, mil vezes,
Com mais e mais instancia, instantemente...»

— « Basta (o Prelado diz) ja interposta
A Appellação está. Agora, em quanto
O Reverendo Padre-Jubilado,
(Pois Notario não ha que dê fe d'isso)
A certidão lhe passa, nos sentemos
Ao pe d'esta roseira a tomar fresco. »
Dictas estas palavras, se assentaram,
E o farfante Deão assim começa :
— « Por certo, que não póde duvidar-se
Do augmento, Senhor, que em nossos dias
Tem tido Portugal, per alto influxo
Do grande, forte e nunca assaz louvado
Rei, primeiro no nome, e nas vitudes,
E do sabio Ministro, que lhe assiste.
Não fallo nas Sciencias, e nas Artes,
Que eu d'ellas nada sei; pois meu emprego
Ás lettras applicar-me não me deixa,
Qual o meu gôsto, e genio m' o requerem;
E da arte-de-cuzinha tam somente
(Que é obra, quanto a mim, mais proveitosa
Aos homens, que o Francez, que anda na moda)
Alguns pedaços leio, estando vago.
Fallo, sim, no apparato dos banquetes,
No polido dos trajes, e assembleias;
Dos jardins no bom gôsto, e dos palacios :

Digo isto, meu Senhor, porque esta cêrca,
Que era um chiqueiro, ha menos de dous dias,
Hoje tornada está n'um Paraíso.
Mas que não poderá um genio grande,
E tal, como o de vossa Reverencia? »
— O Guardião então todo enfunado;
Mas modestia affectando, lhe responde:
« Aqui que póde haver, que os olhos encha
De vossa Senhoria, que tem visto
As terras estrangeiras tam gabadas,
Se é tudo uma pobreza *franciscana!* »

— « Tanto não direi eu (replica o Lara)
Que ao vêr d'este vergel a amenidade,
O desenho dos buxos, o bom gôsto,
Com que são as estátuas trabalhadas;
A abundancia dos vasos, e das flôres,
Que no jardim estão, se me figura
De Castello-Gandolfo, ou de Frascáti
(Onde fallei mil vezes com o Papa)
Vêr o primor, e o curioso aceio.
Tudo está esmerado; e so lhe falta
Para em nada ceder aos mais gabados
Deliciosos jardins d'Italia, e França,
Uma cascata, que à de Térni iguale.
Se vossa Reverencia quer a planta,
Eu ja mandar-lh'a vou; que a tenho em casa. »

— « Essa obra ha-de custar muito dinheiro

(Responde o Guardião) e hoje as esmolas,
Para encher a barriga a tantos Frades
Que teem fome-canina, apenas bastam.
Algum dia foi rico este Convento;
Mas estas novas leis testamentarias
Deram um grande córte em suas rendas.
É verdade, que os sanctos Exorcismos,
O benzer dos feitiços, e lombrigas,
O grande e extraordinario privilegio
D' irmão, e mãe de Frades, e outros pios
E sanctos institutos, que inventaram,
Devotos e subtis, nossos antiguos,
E que nós pelo Povo propâgamos,
Com zêlo, e com destreza, maiormente
Entre o devoto feminino séxo,
Inda pingando vão de quando em quando :
Mas isto tudo é nada, é um cominho,
A par do que rendia o Purgatorio!
Senhor, o Purgatorio, e as almas sanctas
Eram o Potosí (8) da franciscana. »

N'este ponto chegando o Jubilado,
O discurso lhe atalha, e ao Lara entrega
O grande certidão, que passar fôra.
O Deão a recebe civilmente,
E com mil importunos comprimentos,
E outras tantas profundas cortezias,
Dos dous Padres, cortez, se despediu :

E correndo, e saltando, como um Corço,
Risonho e prazenteiro entrou em casa;
Onde á sua presença, pelos ares,
Faz vir o triste Luz, que a honra goza
De tocar mal rabeca, na Sé d'Elvas,
E de ser, em seu fôro, mau notario,
Ou pessimo escrivão, que vale o mesmo:
Além d'isso, cursado tinha as classes;
E a todas estas cousas ajunctava
Uma profunda erudição, bebida
Nos Autos de Reinaldo, e Valdevinos,
E do Infante Dom Pedro nas partidas,
Florisel de Niquea, e outros livros
Da andante, da immortal cavallaria;
Ao qual o Deão disse: « Hoje um negócio
De ti fiar pretendo, d' importancia;
Mas antes será bom, que ao grande Baccho
Algumas libações, como costumas,
Aqui façaș. » Dizendo estas palavras,
Ordena que lhe tragam promptamente
Do bom vinho de Borba tres garrafas.

— O bom Luz transportado á sua vista,
Sem fazer-se rogar, logo a primeira,
Ás duas palhetadas, deixa enxuta:
Muito tempo não passa, sem que próve
Igual sorte a segunda; sem descanço
Com a terceira investe; largo espaço

O forte Campeão entra per ella :
E depois que esquentada teve a bilis,
Assim com o Deão falla animoso :
— « Que cousa póde vossa Senhoria
Querer d'este seu servo, que não faça?
Que perigo haverá, que não arroste?
Da Nova-Zembla os duros caramelos
Irei a passeiar : ao meio-dia,
Na Libya soffrerei a calma ardente :
Com Tigres, com Leões, com Crocodilos
Audaz affrontarei : do reino escuro,
Para seu Cão-de-fralda, se é seu gôsto,
N'um pulo, lhe trarei o Cão-Cerbero ;
Se mais d'isso se paga, c'uma corda
Á porta lh'o atarei, como um Macaco. »

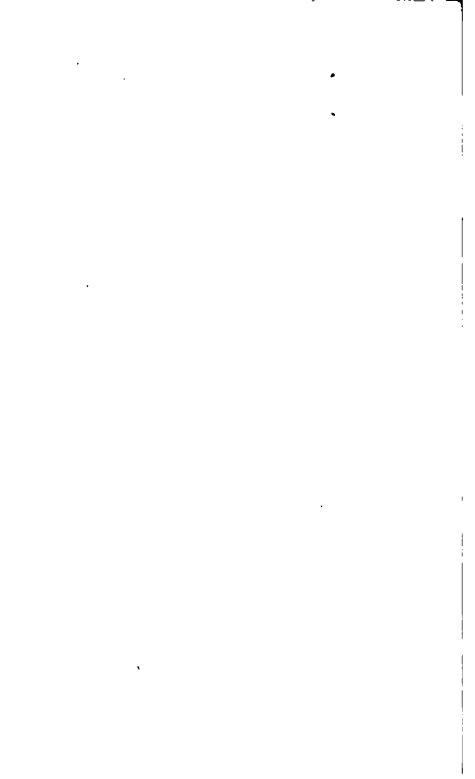
— « Menos que isso (bradou o Prebendado)
Menos que isso de ti hoje pretendo.
Uma Appellação so quero que intimes
Ao gordo e fero Bispo : isto somente
De ti hoje desejo, e de ti fio. »

— Aqui, mudando a côr do triste rôsto,
Começou a tremer o novo Alcides;
E com voz balbuciante, lhe replica :
—«Muito, illustre Senhor, tam grande empresa
Minhas fôrças excede : o mesmo Achilles,
Mandricardo, Gradasso, Sacripante,

Commettel-a, por certo, receiaram,
E Orlando, indaque fôra verdadeiro.
D'ella pois me dispense; que eu sem pêjo,
Ante os Ceos, ante a Terra, hoje confesso
Que meu ânimo a tanto não se atreve. »

— A este breve discurso, ardendo em ira,
O Deão exclamou : « De minha vista
Vai-te, indigno, Furão vil e rasteiro,
A quem, na cara e feitos, te pareces;
Que eu saberei achar quem me obedeça. »

Trémulo, e semivivo o pobre zote
Então se foi d'alli escapulindo;
E o farfante Deão fica suspenso,
No peito revolvendo a quem daria
A grande commissão : quando á memória
Lhe traz a Senhoria (que a seu lado
Invisibil assiste) o bom Gonsalves,
Escrivão atrevido, e sem piedade;
Que a si mesmo prendera, se podera.
« Este sim (exclamou então contente)
Que é capaz de citar a Jesu-Christo. »
Isto dizendo, que lh'o chamem, manda.
A Senhoria então, tomando a fórma
Do Galopim de casa, veloz parte,
E com elle voltou *in continenti*;

A quem logo o Deão propõe a empresa,
Que elle, sem duvidar, risonho aceita;
E para executal-a, tempo accómmodo,
Cheio de confiança, a esperar, parte.

O Hyssope.

CANTO SEXTO.

Já o sol grande espaço declinava
Do brilhante Zenith, para o Occidente,
E a socegada Tarde, conduzida,
Nas frescas azas dos subtis Favonios,
A passeio os Peraltas convidava:
Quando, por divertir sua Excellencia
O fastio, que a longa ociosidade
Nos peitos dos mortaes tyranna gera,
Se dispõe a sair, como costuma,
A frescura gozar do seu Versalhes.

Mil infandos prodigios (trama urdida
Pela mão industriosa da Excellencia,
Para obrigal-o a não sair de casa)
Esta infausta jornada precederam.
Á meza pôsto, e a beber um copo
De generoso vinho da Madeira,

6

Em vinagre na bôcca se lhe torna
O suave liquor; e ao mesmo passo,
No aparador saltando um Gato negro,
Em bastilhas lhe faz, com grande estrondo,
Os dourados crystaes, que n'elle estavam.
Depois, dormindo docemente a sésta,
Se lhe figura, no melhor do somno,
Que andando de passeio pela quinta,
Com passos lentos a elle se chegava
Da nora o velho Burro, e alçando o rabo,
Dous couces lhe pregava no vasio.
Á phantástica dôr, gritando, acorda;
E acudindo a familia promptamente,
Lhe narra o triste caso, inda assustado:
Mas, passado o primeiro sobresalto,
Desenganado emfim de que era sonho,
A vestir-se começa: então calçando
O polido sapato, das fivellas
Salta da guarda-roupa ao aureo tecto,
Com medonho estampido, a melhor pedra.
Finalmente, ao montar a carruagem,
Batendo um gran'Besouro as negras azas,
Com horrendo stridor lhe açouta as ventas;
E um Pardal lh' estercou no tejadilho.

N'este instante a Excellencia, que tomado
Tinha do grande Almeida a gentil fórma,
Vendo que estes agouros não bastavam

Para aterrar do Bispo o forte peito,
C' uma grande zumbaia, assim lhe falla :
— « Se crer em abusões é d' almas fracas ;
Desprezar portentosos vaticinios
É de peito obstinado, ensurdecido
Ás vozes com que o Ceo mil vezes falla.
Se em Africa, Catão ; se em Roma, Cesar
Deram fe aos presagios : nem aquelle
Nas férvidas arêias africanas
Acabara infeliz ; nem no Senado,
Ás mãos de Cassio, e Bruto, ferozmente
Este fôra, qual rez nas aras, morto.
O mesmo digo do temido Almeida,
De quem vossa Excellencia tem o sangue ;
De Cambaia murchar as altas palmas
Na brutal Cafraria elle não vira,
Se afouto, ou temerario não zombara
Do bater dos sapatos dos Menezes (1).
Vossa Excellencia ja viu os portentos
Que lhe teem n'este dia acontecido :
Ah ! se a mente presaga não me engana,
Algum grande desastre prognosticam
N'este passeio, que fazer intenta.
Para illudil-os pois, torne a apear-se,
Ao paço se recolha : considere
Que, por grande, a cautela nunca damna.
Se pois da ociosidade, e seus prestigios,
Que tanto horror lhe faz, fugir deseja,

Mande chamar alguns Capitulares,
E com elles em sancta paz jogando,
O resto passe da calmosa tarde;
E não queira, com vã temeridade,
A seu gôsto a razão sacrificando,
Desafiar a colera dos Astros. »

— A estas vozes, risonho, o gordo Bispo,
Lhe responde: « Meu Filho, bem conheço,
Que o amor, que me tens, é quem te dicta
Essas sábias razões; mas que diria
Esta marcial cidade que, admirando
Meu heroico valor, trazer pendente
Do bordado talim me viu na guerra
Uma talhante espada; e sôbretudo,
Erguer da cama, n'uma fria noite,
Por correr, sem temor, suas muralhas;
Quando o fogo nas altas atalaias
Brilhando tristemente, annunciava
Roubos, assolações, incendios, mortes:
Se hoje soubesse, que eu ficava em casa,
Assombrado de quatro bagatellas?
Eu confio no Ceo, que esses successos
Nada contenham, que aziago seja:
Mas, se assim succeder, constante e forte
Irei per onde os Fados me chamarem. »
Isto dizendo; resoluto ordena
Aos Moços, que caminhem sem demora.

No tempo que estas cousas succediam
No episcopal palacio, o bom Gonçalves
A quem a grande empresa desvelava,
Sendo per seus espias avisado
De que o Bispo saía, aproveitar-se
Da occasião, que a Sorte lhe offerece,
Comsigo determina; e a toda a pressa
A vestir-se começa: quando a cara
E longeva Consorte, do cartorio
Nas sordidas trapaças tam versada,
Como o déstro marido, toda cheia
D'um panico terror, que dentro n'alma
A feroz Excellencia lhe infundira,
Ao collo se lhe lança, e assim lhe falla:

— « Onde, ó luz de meus olhos! doce Spôso,
Assim corres veloz, assim me deixas
Cercada de receios, e tristezas?
O Bispo vas citar? Ah! tu não sabes
Qual é d'este Prelado a sancta raiva?
Ignoras, que as menores bagatellas,
Em seu conceito são graves insultos,
Que castigar costuma sem piedade?
Tu, ó pobre Milheiro! tu o dize,
Que por zombar da fita do palmito,
Na respeitavel face do Roquete,
(Mestre-de-ceremónias, e cabalas,
Com poder d'Assistente, juncto ao solio,

Para insultar, sem termo, os pobres zotes
Em toda esta cidade, e seu Bispado)
A jazer longo tempo na cadeia
Barbaramente condemnado foste!
Não sabes, que a pezar das leis sagradas
Do nosso piedosissimo Monarcha,
Elle Meirinho tem de vara alçada,
Que prende, escorcha, e rouba impunemente,
Á sombra do sagrado sanctuario?
Pois, como a provocal-o hoje te arrojas,
Por servir o Deão? Crês per ventura,
Que elle te livrará das suas garras?
Ou te fias talvez em que es sujeito
A outra jurisdicção? Mas, oh, repara
A quantos, como tu, Leigos isentos,
Em seu cruel aljube, opprime, e vexa!
Oh! se um raio voraz dos Ceos descesse,
E todos os aljubes abrasasse!
Quantas, ó Ceo! ó quantas se evitaram
Vexações, injustiças, e insolencias!
Ólha o que succedeu, ha pouco tempo,
Ao charlatão do Medico pequeno
(Que a hábito perpétuo d'estudante
Foi, de Esculapio em Juncta, condemnado)
Por não dar alimentos á Consorte
Em dinheiro corrente; que de balde,
Os homens, e as estrellas attestando,
Allegava não ter o miseravel;

E em vão, para pagal-os off'recia
A venda de seus predios, ou seus fructos.
A pezar da Razão, e da Justiça,
Foi este pobre zote receitante,
Com público pregão excommungado!
Bem que dizer-se d'elle se não póssa
Que de Herodes á fera tyrannia,
Não devera escapar, por innocente;
Pois so, d'uma pennada, a muitas almas
Tem feito as margens ver do stygio lago,
Onde por elle esperam barregando,
Para as barbas tirar-lhe, e a cabelleira.
Pretendes pois que o mesmo te succeda?
Ah! não, amado Spôso, per aquelles
Primeiros e suavissimos instantes
Do nosso doce amor, pela fe pura,
Que no sagrado laço me juraste;
Per estas ternas lagrymas, que chóro,
Que a tanto não te exponhas: ah! não queiras,
A ti mesmo cruel, e a meu socêgo,
Roubar-me a triste vida, dar-me a pena
De ouvir-te excommungar pelas esquinas!
Ou prêso cruelmente, entregue ás garras
Do Meirinho voraz, qual tenra Pomba
Entre as unhas crueis de Açor ligeiro.
Do meu pranto tem dó, e dos cançados
Longos annos da minha amarga vida. »
Aqui um magoado e gran' suspiro

As queixas lhe impediu; e o sentimento
A voz lhe congelou dentro no peito.

— Então o grande e intrepido Gonçalves,
Assim, de brio cheio, e de ternura,
A tímida Consorte alenta, e anima.
« Enxuga o bello pranto, ó bella Spôsa!
Que sem causa derramas, pois com elle
O forte coração me despedaças.
Eu não vou combater algum gigante,
Nem tenho o Tamerlão (2) por inimigo;
Vou fazer meu officio; e bem conheço
A quanto m'abalanço, e me aventuro.
Mas que dirá o Mundo, se vir hoje,
Que eu fujo dos trabalhos com o corpo?
De mais, que d'este excesso, a que me arrojo,
Tu a causa so es; pois d'outra sorte
Mal poderei, meu rico Bem, comprar-te
A saia, a capa, a fita, o leque, o pente.
Os annos estão caros; e eu não devo
Um gancho desprezar, que raras vezes
A Ventura depara, e nos off'rece.
As censuras, o Bispo, e sua vara,
Vãos espantalhos são, que não me assustam;
Eu não temo o Meirinho, nem da Igreja
O forte raio, sem razão vibrado;
E para me livrar do Bispo ás iras,
Tenho braço, artes tenho, e tenho modo.

O susto deixa pois; que brevemente
Tu me verás volver sem frio, ou febre,
A gozar de teus mimos, teus favores. »
Isto dizendo, de seus braços foge;
E mais ligeiro, que o ligeiro Gamo,
A esperar se partiu, sua Excellencia.

Ja, na rica liteira recostado,
Da cidade saía o gordo Bispo.
Dous Lacaios membrudos e possantes
Guiavam a compasso os grandes Machos;
E dous do mesmo talhe, na dianteira,
A lenta e priguiçosa marcha abriam.
Nos altos campanarios os Donatos,
E das Freiras as Môças, muito alegres
Davam, como costumam, aós badalos:
Quando o bom Escrivão, que prompto estava,
Qual sagaz caçador, que alegre e fero,
Á porta d'uma mouta a rez espera,
Á liteira se chega, e respeitoso,
Uma carta ao Prelado logo entrega,
Na qual a Appellação descomedida
Em lettra-garrafal ía traçada.

O innocente Pastor, que não suspeita
O veneno mortal, que em si levava,
Depois de lhe lançar a sancta bênção,
Com risonho semblante, péga n'ella,

O sobrescripto rompe, e solettrando,
Vai lendo cóm trabalho; mas, apenas
O sentido da astuta carta intende,
Começou a tremer; das mãos lhe cai
O atrevido papel. Não, se cem bôccas,
Cem linguas eu tivesse, e a voz de ferro,
Poderia contar qual foi a raiva
Do gordo Bispo. A Ira, a Impaciencia,
A Suberba, a Vingança, e outras Furias
O rodeiam, o agitam, e o transportam:
O rôsto se lhe inflamma; os olhos, tinctos
D'um vivo e negro sangue, lhe chammejam:
Escuma, geme, e brama, range os dentes.
Tam cruel, tam spantoso, tam feroz
Não treme, não avança, não se rasga
O que mordido foi de Cão-damnado;
Quando o triste veneno, que fervendo
Pelas veias lhe corre impetuoso,
Ao coração lhe chega, e lh'o devora;
Como o grave Pastor! A vil Priguiça
Que a seu lado jazia recostada,
Ao vêl-o, d'alli foge espavorida.
Emfim, em raiva ardendo, grita e clama
Aos Lacaios, que logo, sem piedade,
Aquelle infame ousado lhe castiguem.
Então os insolentes vis mochilas
Arrancam das espadas que, em deprezo
Das leis, e Magistrado, á cinta trazem,

E cheios de grande ira (quaes raivosos,
Arremessados Cães, que hardidos seguem
O fero Javali, que veloz foge
A emboscar-se na densa e vasta mouta)
Correm, sem tino, após o bom Gonsalves,
Que em seguro ja pôsto, ao pe da guarda,
Os ólha, com deprezo, e com insulto.
Não de outra sorte rubido Podengo,
Que seguindo, fiel e lisonjeiro,
O rustico Saloio, que á cidade
Vem, de seus campos a vender os fructos;
Se ao pe d'alguma esquina se demora,
Prêso da vista das formosas côres
Da galhofeira cidadã Cadella,
E sôbre elle caindo a roaz turba
Dos bairristas Cachorros, que namora;
Entre as pernas mettendo a longa cauda,
Corre sem se deter, até que chega
Juncto de seu Senhor, a cujas abas
Seguro e confiado encrespa as ventas,
Contra elles se revira, então rosnando
Lhes mostra os brancos navalhados dentes.

Denodado Gonçalves (se meus versos
Alguma cousa podem, se rompendo
A névoa escura dos futuros évos,
Sôbre as azas do Tempo se espalharem
Pela terráquea mole) em quanto Alcaides,

Quadrilheiros houver, houver Meirinhos,
O teu nome será sempre famoso,
Polo heroico valor, com que abarbaste
Do gordo Bispo a temorosa sanha :
E dos leilões na praça, em quanto ás nuvens
A fronte levantar a gran' Lisboa,
Entre a terribil pestilente corja
De Alguazis desalmados e vorazes,
Com inveja, e louvor, serás de todos
Polo primeiro Beleguim contado.

Em tanto a Senhoria, que presente
Á esta cómica scena sempre esteve,
Chama a Fama veloz, e lhe encarrega,
Que a gran' nova ao Deão leve ligeira.
Estava então o triste combatido
De alegres esperanças, e temores;
Umas vezes confia, outras receia,
Que o Escrivão medroso não se atreva
A proseguir no empenho começado;
Quando a rapida Fama, em seus ouvidos,
A nova espalha do feliz successo.

Vós, Filhas da Memória, que do Pindo,
Concordes habitaes as frescas selvas,
Qual foi seu gran'prazer, dizei agora.
De Baccho nas solemnes Anthestérias,
As desenvoltas Ménades não correm,

Nyctélio invocando, mais furiosas,
Do deus e da alegria arrebatadas;
Como o farfante Lara corre as casas,
Gritando de contente. Os Moços chama,
E a todos, entre grandes gargalhadas,
O successo declara. Ora lhes pinta
Do arrojado Escrivão a grande astucia,
Ora as vãs íras do cruel Prelado.

Ó geração humana! e quanto es facil
No meio da bonança a engrimpinar-te,
Sem temer, que a pellada má Fortuna,
Lúbrica, extravagante, caprichosa,
Te vire as costas, e te mostre a calva!
Tu, ó farfante Lara! em pouco espaço
O viste, por teu mal, tu o provaste:
Pois, quando mais ditoso te julgavas,
De improviso fugiu tua alegria;
Qual leve exhalação, que apenas nasce,
Nos abysmos do Ceo desapparece.

Engolphado o Deão nas esperanças,
Que este fausto principio lhe annuncia,
Aos Criados ordena *in continenti*,
Que para festejar o feliz caso,
Uma splendida ceia se prepare;
E á Velha, que tambem de gôsto salta,
Com risonho semblante intíma, e manda

Que não fique, na grande capoeira,
Fólego vivo em tam festivo dia.
Não contente com isto, maior prova
De seu immenso gôzo dar pretende:
Que bizarro concêrto, de prelúdio
Sirva ao farto banquete, determina,
Da musica melhor, que ha na cidade:
E por dar mais prazer aos Convidados,
De cavallinhos-fuscos, depois d'ella,
Na vaga sala, com suberba pompa,
O galante spectaculo prepara.
Então a convidar, saltando, envia
Do cléro, e da milicia cem pessoas.

Ao passo que estas cousas se faziam,
A despiedosa Velha ferozmente
A barbara sentença executava,
Cem Gallinhas, cem Frângãos degolando.
Entre todos havia um velho Gallo,
Pae da grande familia, victorioso
De cem feros rivaes, e respeitavel
Pelo roixo esporão, e roixa crista:
D'este pois nem, sequer, o vulto escapa
Da grande mortandade; e com seu sangue,
De seu cruel Senhor houra o festejo.

O Hyssope.

CANTO SEPTIMO.

ENTRETANTO, surdindo a Noite escura
Do Bosphoro-Cimmerio, e despregando
As estellantes azas, involvia
Todo o nosso hemispherio em densa treva,
Quando na casa do Deão triumphante,
Ajunctando-se vão os Convidados.

Vós, Deusas do Parnasso, vós agora
Novo fogo inspirai dentro em meu peito;
Regei-me a voz cançada, e o debil canto,
Por que n'elle celebre dignamente
De tam altos Varões nomes, e manhas.

O primeiro que entrou na grande sala
Foi o môço Sequeira, que hombreando
Co'o Pae sagaz, na usura, e na trapaça,
Lhe sobreleva muito de avareza.

D'uma sebenta desbotada fita,
A bengala da dêxtra traz pendente,
Com que as Moscas enxota do castello.

Após este se segue circumspecto
O Noventa-cabellos, conhecido
Por fido Achates do pomposo Lara;
Homem sisudo e grave, e o mais calado
De quantos pizam d'Elvas a cidade;
Excepto o triste, misero Tacanho,
Que gerou, por seu mal, o velho Tôrres.
Muitos d'elle murmuram. (Feia Inveja,
Quem de teus dentes ficará isento,
Se não te escapa a simples Innocencia!)
Que não falla, porque fallar não sabe:
Outros porêm mais justos o defendem,
E ás estrellas o sobem; pois ao menos
Se não sabe fallar, sabe calar-se;
E (qual lúbrica negra Sanguisuga,
Que aferrando-se á pelle, se não sólta,
Sem de todo fartar a cruel sêde)
Dos que encontra ás orelhas não se agarra;
E não similha o zote do Sardinha
Que, sem antes gastar-lhe a paciencia
Com questões importunas, os não larga.

Nas ancas d'este entrou esbaforido
O Velloso, arithmetico afamado,

Capaz de duvidar, até de Christo;
E que tem, de loquaz e d'arengueiro,
Quanto de taciturno tem o outro;
Elle sabe de Acclamo o grande schólio;
De cabo a rabo, sem falhar-lhe um verbo;
E á fôrça de Pae-velho (1), algum pedaço
Vérte, em mau Portuguez, do Tridentino.
Com o que, e repetir alguns exemplos
Da longa jesuítica syntaxe,
Passa, entre os seus, por homem consummado:
Bom juiz de sermões, e Prégadores;
Apezar do atrevido Casadinho,
Que, por ser o barbeiro do Prelado,
Arrogar este cargo a si pretende.

Pouco tempo depois, ao beque dando
Entra o vaidoso mulheril Perinha,
Ramo insigne dos Gatos-Rodovalhos,
E chefe dos Pelões da sua terra.
Então de Senhorias toda a casa,
Qual d'um picante enxame de Mosquitos,
Azoinada se viu: umas da bôcca
Em borbotões lhe saiem, outras lhe entram
Pelas grandes orelhas lisonjeiras,
E subindo-lhe ao cérebro, a cabêça
De illustrissimos flatos lhe enchem toda.

Não passou muito espaço, sem que á porta

Se não vissem chegar ambos os Bichos,
Alegria, e prazer da elvense terra;
O Leite, e o Barquilhos, tam famosos,
Aquelle, pela teima com que intenta
Mungir d'um grande Bode as grandes têtas;
Este, pela piedade com que vendo
Jazer em terra morto o bravo Touro,
Que os calções de camurça lhe rasgara;
Por que o Ceo suas culpas lhe perdoe,
Perdoa em altas vozes, generoso,
O estrago do vestido, e a grave affronta.
Estes per onde passam, mil apodos,
Mil graças, e risadas, entre a bulha
Do vulgo insultador, soar se escutam:
Não de outra sorte viu Lisboa, um tempo,
Da vil plebe entre a grande borborinha,
Passeiar suas ruas, hombro a hombro,
O célebre Dom Félix, e o Caturra (2).

Mas outro entrando vem, de insignes prendas,
Que no ingenho, agudeza, brio e garbo,
Com os dous póde bem correr parelhas.
Afastai, afastai: deixai passál-o;
Que é o grande Salgado, cujo nome
Per todo o Alem-Tejo, em suas trompas,
Com sonoro louvor publíca a Fama.
D'elle relata pois a chocalheira,
Que inda o rol pendurado traz ao collo,

Das Môças que, em mancebo, namôrara;
Onde, com distincção, se lêem seus nomes,
Suas graças, e dotes. Pelos prados,
Que o Hebro crystallino corta, e rega,
Tantas, d'Amor captivas, não seguiram
De Thracia o gran'Cantor, que a cara Spôsa,
Na solitária praia descançando,
Duas vezes perdida, em vão chamava;
Quantas o rol contem, desde a mais baixa
E roliça fregona, até a Dama
Mais nobre, mais *gagé* (3), e mais chibante.
Hoje porêm, que em mais serios estudos,
Os dias gasta, desfructando a honra
Da rustica curar gente da vargem,
Inda este phrenesi curar não póde;
Nem da empirica sciencia o gran'segredo,
As hervas, cataplasmas teem bastado,
Para os males curar-lhe da cabêça.

Eis outro chega, de não menos fama,
Cavalheiro do porte dos Venegas,
Que muitos infançôes por Avós conta.
Este so comerá d'uma assentada,
Sem qua papo lhe faça, um Boi inteiro;
E como quem um copo bebe d'agua,
De café, chocolate, cha, sorvete,
D'um trago, beberá toda uma pipa.
Elle ceia não ha, não ha merenda,

A que prompto não vôe, não assista.
Tam rapida, calar das altas nuvens
Não vê o Passageiro, em largo campo,
A grasnadora Gralha, o negro Corvo,
Sôbre o triste animal, que de cançado
Em comprido caminho, deu a ossada;
Como correr se vê o bom Fidalgo
Á voz, e cheiro do mais vil banquete.
D'esta canina-fome, que o devora,
De *Alarve* lhe ficou o gentil nome,
Com que em toda a cidade é conhecido.

Nem tu has-de deixar de ser lembrado
Em meus versos, Prior da sancta igreja,
Que Alcáçova ennobrece; tu, que sendo,
Um tempo, branco e louro, te tornaste
Per artes incantadas, negro e pardo.
Este na sala entrou de loba, e capa;
Mas debaixo do braço, co' a catana,
Com que em noites d'escuro tem brigado
(Se de seu gran'valor não mente a fama)
Muitas vezes, com todos os Diabos.

Então, tremendo chega a passos lentos,
O longevo potroso do Saldanha,
Que em regras economicas bem póde
Dar sota e az ao Grego Xenophonte (4).
Para prova do seu contentamento,

Se adorna do vestido domingueiro;
Sôbre uma véstia branca, airoso traja
Casaca, que foi negra ha quinze lustros;
Os calções eram pardos, e os sapatos,
As meias, e espadim, e os outros cabos
Em nada do vestido desdiziam.
A seu lado marchava o velho Preto,
Com a suja panella, em que costuma
Ajunctar as reliquias dos banquetes,
A que assiste faminto, e com que passa
O resto da semana co'a familia.

Tu tambem, grosso Silva, lustre e glória
Da tua patria, antigua Tôrres-Vedras,
Doctor em Anno-historico, não foste
Dos ultimos, que a rica sala entraram.

Estes, e outros Varões d'igual calibre,
Dignos todos de fama, e maravilha,
Honraram n'esta noite a grande festa:
Mas da justiça o amor me não consente
Que eu deixe vossos nomes involvidos
Entre a treva, que espalha somnolenta
A agua-estôfa do sombrio Lethes:
Bolorento Pão-ralo; e tu, que fallas
A lingua da Mourama, ó bom Gonsalo!
E que os melões, e pêras almotaças,
Com tanta rectidão ao povo d'Elvas,

Quando empunhas severo a rubra vara (5).

Juncta emfim a selecta Companhia,
O vistoso salão emtôrno c'roam.
Então ao côro, que esperando estava,
Deu signal o Deão, e uma sonata
De cravo, de machete, e castanholas,
Da orchestra strepitosa foi prelúdio,
A que um duo se segue, cousa rara!
E que igual nunca ouviu em seus theatros
Milão, Veneza, Napoles, Florença.
O grande Eugenio, e o famoso Félix
Foram os dous Virtuosos, que o cantaram.

Se tu, ó extremada Zamperini (6)!
Que em Lisboa os Casquilhos embaraças,
Seus suaves accentos escutaras,
Passages, e volatas; bemque as Graças
Lisonjeiras te cerquem, e derramem
Em teu peito, e garganta, mil incantos,
Com que as tres filhas d'Achelôo vences;
Quantos novos incantos aprenderas!

Depois, o Vidigal ligeiro toma
Uma bandurra, que na orchestra estava,
Per mão d' insigne mestre trabalhada:
N'ella se viam, sôbre a branca faia,
De marfim embutidas, e pau-sancto,

As folias do filho de Semele;
Quando, do Ganges triumphando, á Grecia,
Entre ledos tripudios, se tornava.
Jazia o gordo deus alli sentado
N'um grande carro, que virentes parras,
Contra os raios do sol todo toldavam;
Uma bojuda pipa, que esparzia
Um largo jôrro de liquor vermelho,
De throno lhe servia; e o Môço imberbe
Co'o verde thyrso, de uma mão picava
Os dous accesos mosqueados Tigres;
E co'a outra chegava á sêcca bôcca,
De saboroso summo um cheio vaso.
Após elle se via debuxado
O bebado Sileno, sôbre um russo
E cançado Jumento; de verde hera
C'roada a fronte tinha o semi-Capro;
E com tal arte figurado estava,
Que a cada passo do animal imbelle,
Aos olhos dos que o vêem, se representa,
Que, balançando, o semi-deus caía,
Co' os fumos, que a cabêça lhe toldavam.
De foliões Silenos uma tropa,
Quasi para o suster, o rodeiava;
E sôbre ella lançava o bom Sileno,
Todo risonho, os mal-abertos olhos.
Precediam o carro, desgrenhadas
Mil Bacchantes, e Satyros lascivos,

Dando nos ares descompostos saltos.
Uns tocavam businas retorcidas,
Outros rijos adufes, e pandeiros.

O Vidigal, pegando no instrumento,
Se encommendou ao deus, a quem amava;
E dando á escaravelha largo espaço,
Até de todo temperar as cordas,
Soltou a bruta voz, com que costuma
Levantar os *mementos*, nos enterros.
Com tam grande attenção não pendem promptos,
Do novo batalhão da elvense terra
Os marciaes soldados, na parada,
Da voz agallegada do Malifa,
Quando o manejo, á falta d'homens, rege;
Como a festiva Companhia pende
Dos duros berros do Cantor famoso,
Que, da patria em louvor, assim dizia:
« Ó grande Elvas, cidade em todo o tempo,
Per teus famosos filhos, memoranda!
Hoje até as estrellas meus accentos
Teu nome levarão, e tua fama;
Mas d'onde minha voz a teus louvores
Dará princípio? Tu, ó brincão Baccho!
Como tens por costume, tu me inspira.
Mil, em silencio deixarei, successos,
Em mais remotos tempos celebrados,
Que tua glória illustram; pois não póde

Um ingenho mortal todas as cousas
Abranger co'o acceso pensamento;
E a louvar passarei de teu Senado
A rara e nunca-vista economia,
Com que no velho, ja rachado sino;
Por se acharem as rendas do Conselho,
Em luminarias, luctos, e propinas,
Todas (em seu proveito) consumidas,
Quatro gatos mandou lançar de ferro (7). »
Com tal arte feria o Cantor déstro
Do pequeno instrumento as tesas cordas,
Acompanhando o som, com que cantava
Este estupendo gracioso caso,
Que, ao bater das pancadas, parecia
Que se ouviam no sino as martelladas.
« Que direi (proseguiu) da subtileza,
Com que gravar mandaste, sôbre a porta
Que tem de esquina o nome, em negra pedra,
Por que ninguem a lêl-a se atrevesse,
A famosa inscripção, em negras lettras?
Mais intricado, mais escuro enigma,
Que o que nas portas da famosa Thebas,
Por destino fatal, aos peregrinos
Feroz propunha a monstruosa Sphinge (8). »

Aqui, para tomar maior alento,
Um pouco se calou; e em alvo pondo,
Como quem pensa em cousas mais profundas,

Os turvòs olhòs, prega um grande escarro,
Com que assustou os Circumstantes todos;
E de novo começa : « Oh! se eu lograsse
A grande dita de nascer em Roma,
E alli, na tenra idade, me tivessem,
Qual misero e novel Frângão, castrado:
Que então so, dignamente, em fino tiple,
Qual Achilles nas óperas d'Italia,
De teu grave Senado cantaria
A acção maior, que viram as idades!
Tu, ó povo miudo, e povo grosso!
Que dos Touros (9) ao barbaro combate,
Presidido de serios Magistrados,
La na praça assistias galhofeiro,
Tu testimunha foste! e no futuro
Testimunha serás, que eu não matizo
Com falsas côres o notavel feito :
Fallo da profusão, com que lançaram,
(Ao primeiro rumor, e ainda incerto,
Com que a Fama espalhava vagamente
A noticia dos regios desposorios (10)
Da Princeza Real, Real Infante)
Depois de terem feito bem o papo,
As reliquias da pródiga merenda,
Sôbre as cabêças da apinhada gente.
Então (cousa pasmosa!) os ovos-molles,
Arroz-dôce, cidrão, e leite-crespo,
Que o povo, ás rebatinhas, apanhava,

De toda a parte a flux chover se viam;
Cobrindo n'um instante toda a praça.
Qual nas tardes de maio (quando Jove
Com a rúbida mão dárdeja irado,
Per entre as negras condensadas nuvens,
Com medonho fragor, torcidos raios)
Cái a grossa saraiva, alaga os campos;
Taes, de manjar-branco as tostadas pélas...»

Aqui chegava, quando os Convidados,
A quem de tantos dôces a lembrança
Tinha feito crescer água na bôcca,
Da demora da ceia impacientes,
E da fome voraz estimulados,
Em tropel se levantam, e lançando
Pela terra cadeiras, e instrumentos,
Correram para a meza, onde scintilla
Nos dourados crystaes, nos finos pratos,
A radiante luz de cem bougias (11).

O primeiro que occupa a cabeceira
É o tolo Aguilar; sem comprimento
Entra logo a cevar a fera gula;
Exemplo, que os mais seguem vorazmente.
Brilha nos copos o rosado çumo,
Que desterra a cruel melancolia
Da meza festival, — reina a saúde!

Mas de todos tu foste, ó gran'Gonçalves!

Quem as primicias colhe; todos brindam
Á teu grande valor, á tua astúcia;
Em quanto tu, no collo recostado
Da prezada Consorte, entre os seus mimos,
Do Bispo, e do Deão te estavas rindo.

A alegria reinava em toda a meza,
Mil chistes, mil apodos, mil pilherias
Gyravam sem cessar, sua Excellencia
De todos era o alvo; todos n'elle
Malhavam satisfeitos e contentes;
Pôstoque era malhar em ferro frio.
Uns, a brilhaute escolha lhe louvavam
Dos synodaes Theologos, — do Arronches,
Eximio prégador (que leu inteiro
O livro dos Conceitos-predicaveis,
O Zodiaco-sob'rano, e outros muitos,
Que na schola capucha estão em prêço),
—Do Guardião dos Capuchos,—do Roquete,
Thomista petulante e confiado.
Outros, a prepotencia celebravam,
Com que, de motu-proprio, um pobre Leigo
Despejar, promptamente, fez das casas,
Para n'ellas viver o seu barbeiro.
Este, a grande philaucia encarecia
Com que a portuense mitra na cabêça,
E seu bago reger ja se suppunha,
Officios repartindo, e dignidades.

Aquelle, murmurava da arrogancia,
Com que ministro eleito á grande Roma
A julgar-se chegou; e rodeiado
De Pages petulantes, e Lacaios,
Do Tibre assuberbar as verdes margens,
Em malhados Frizões, imaginava.
E todos, sem respeito, blasphemavam
Da fatal ignorancia, ou liberdade,
Com que, apezar dos canones sagrados,
Beneficios-curados entregava
De avaros Regulares entre as garras.

Nem tu, gentil roupão de fresca xita,
(Com que á grande janella, empanturrado,
Da inutil ociosa bibliotheca,
Nas noites de verão, a calma passa)
Ás suas tesouradas escapaste.

Entre tantos motejos, so, calado,
Chupando os dedos, e roendo os ossos,
Comia, e mais comia o Dom Alarve;
E algum caso fatal, de quando em quando,
Todo cheio d'espanto, recontava
Do Anno-historico, o grosso e torto Silva.

Quando subitamente (caso horrendo,
Que as carnes faz tremer, ao repetil-o!)
O velho Gallo, que n'um prato estava,

Entre Frângãos, e Pombos, lardeado,
Em pe se levantou, e as nuas azas
Tres vezes sacudindo, estas palavras,
Em voz articulou triste, mas clara:
— « Em vão, cruel Deão, em vão celebras
Com nosso sangue o próspero successo,
Que a futura victória te promette;
Que per fim cederás a teu contrário. »

Disse: e caindo sôbre o grande-prato,
Sem mexer-se, ficou. N'este momento
Um gelado suor dos Circumstantes
Banha as pallidas faces; os cabellos
Nas frontes se lhe erriçam; largo espaço
Immoveis ficam, sem dizer palavra.
Mas o perdido spiritu cobrando,
Se levantam tremendo, e pela terra
A recheiada meza baquearam:
Tres vezes se benzeram co' a mão toda:
Tres vezes; mas em vão, esconjuraram
O fatal Gallo, que jazia morto;
E, mil, a infausta ceia dando ao Démo,
Se foram, sacudindo os calcanhares.

»»«««

O Hyssope.

CANTO OITAVO.

NA superior-instancia introduzida
A grande Appellação, ardia a guerra.
Dous Rabulas famosos trabalhavam
Em offuscar das Partes o direito.
Quantos rançosos livros, que jaziam
Sepultados em po, meio-comidos
Da cruel e voraz maligna Traça,
Tornaram outra vez a vêr o dia!

A Excellencia, a Discordia, a Senhoria,
Cadauma, de per si, os excitava;
E sôbretudo, a fome devorante
Do luzente metal, que o Mundo incanta.
De papel muita resma, em lettra-grypha,
Onde, a montões, os Textos, os Doctores
Sem ordem, e sem tempo, se allegavam,
Cadaqual, de si pago, tinha escripto.

Quando o Genio feroz das Bagatellas
Uma fiel balança nas mãos toma,
E n'um dos aureos discos, põe attento
As razões do Deão, n'outro as do Bispo;
E vendo que estas tinham maior pêso,
Talvez por terem mais papel, e tincta;
Per um geral edicto á Côrte chama
Os vaidosos Magnatas, e em senzala,
Com fera continencia, assim lhes disse:
«Nunca a pensar cheguei, que em meus Vassallos
Que do Orbe a estimação, e o ser me devem,
Tam louco algum houvesse, e tam ingrato,
Que combater ousasse meus projectos!
Mas o Tempo, que a todos desengana,
Me mostrôu quanto errava, e quam perdidos
São, com ingratos, grandes beneficios!
Este enorme attentado merecia
Um castigo exemplar; mas a Clemencia,
Companheira fiel do meu Imperio,
A espada me suspende, na esperança
Da prompta emenda.»
Aqui fitando os olhos
Na pallida e confusa Senhoria,
D'esta sorte prosegue em seu discurso:
«É pois minha vontade, ordeno, e mando,
Sob pena de incorrer no desagrado
De meu real favor, de abrir os olhos
Do Mundo fascinado, e de mostrar-lhe

Que nada teem de real vossas Pessoas,
Que todas são phantasticas chimeras:
Que nenhum de vós-outros se entremetta
No famoso litigio, que hoje corre
Entre o Bispo, e Deão da igreja d'Elvas. »
Severo, isto dizendo, se retira,
Deixando a todos tristes e confusos.

Mas a vã Senhoria, que conhece
A quem as ameaças s'encaminham,
Vendo, per este modo, as mãos atadas,
Para seguir o empenho começado;
A carpir, se retira n'um deserto,
Sua grande desgraça, envergonhada.

Entretanto o Deão confuso, afflicto
Passava as horas, na memória tendo
Do lardeado Gallo o infausto annúncio.
Pouco e pouco, a cruel Melancolia
O devora, e consome; não graceja,
Como d'antes usava, co' a familia:
Mas, em seus pensamentos abysmado,
Comia pouco, pouco repousava;
Não joga; nem café, nem cha bebia.
No pico d'um rochedo solitario,
Entre as trevas da noite carregada,
Tam lugubre gemer, de quando em quando,
O feio e rouco Mocho não se escuta,

Como o pobre gemia, retirado
No escuro canto d'uma nua sala.

Então a zelosa Ama, a quem penetra
Do afflicto Patrão a grave pena,
Um dia lhe fallou, per esta fórma:
—«Que tem, Senhor Deão? que mágoa é essa,
Que tam mudado o traz do que antes era?
Mal haja quem lhe dá tanto cuidado!
Essa cara, Senhor, que n'outro tempo,
Era cara de Paschoas, tam alegre,
Tam gorda e reverenda, tam affabil,
(Até para os seus Servos) tam mudada
Está do que ja foi, que hoje parece
Uma cara de angustias! Não socega;
Mas em triste silencio sepultado,
Nem toma o seu café, nem joga o Whist!
Supponho que lhe deram mal-de-olhado!
Ah! se esse fôr seu mal, prompto remédio
Em mim encontrará; pois do quebranto
Sei benzer, e curar per mil maneiras:
Porêm, se a causa é outra, não m'a occulte;
Que talvez lh'eu descubra algum allívio:
Pois, mil vezes, na planta desprezada,
Está de grave enfermidade a cura.»

—«Ama (diz o Deão) para que é tonta?
Per ventura não sabe o gran'litigio,

Que trago com o Bispo; em que meu brio,
O meu ser, minha glória se interessam?
Não se lembra tambem do infausto agouro
Do lardeado Gallo? Que mais causa,
Em mim pretende pois, de viver triste?
Oh! se os Astros crueis teem ordenado
Que eu a demanda perca, derepente
Me verá estalar sem frio, ou febre,
Entre as barbaras mãos d'este desgôsto. »

— « Senhor Deão (replica então a Ama)
Se da sua tristeza é essa a causa,
Tem por certo razão para affligir-se;
Suppôsto, que não é o mal tam grande,
Que não póssa remédio ter ainda.

Na minha mocidade, instituída
Fui nas artes da Madre Celestina,
Pela velha Canidia; muito tracto
Tive então com o sabio Abracádabro (1),
Famoso Incantador, que ainda vive,
Não longe d'este sítio, n'uma grutta.
Este estupendo Magico conhece
Das pedras, e das plantas as mais raras,
As occultas virtudes; sabe a lingua
Das aves, e animaes; com seus conjuros
Muda as louras searas; sôbre a terra,
Mil vezes, faz descer trovões, e raios;

Arranca do alto Ceo a branca Lua;
Em negro Urso, mil vezes, se converte,
Mil em Lobo-Cerval, e mil em Touro:
Este pois mudar póde do Destino
As leis, e a natureza; e mentiroso
Tornar (se lhe parece) o triste agouro
Do diabolico Gallo. A consultal-o,
Se fôr do seu agrado, iremos ambos. »

Disse: e o Deão suspenso largo espaço,
Sem saber resolver-se, mudo fica.
Umas vezes se anima, outras receia
Do Magico feroz o horrendo aspecto.
Não de outra sorte está carvalho annoso,
Que emtôrno, pelo pe, sendo cortado,
Pendente d'um so fio, com a quéda
Cem partes ameaça, e a verde copa
A nenhuma, por longo tempo, inclina.

Finalmente, o desejo da victória
Vence o frio temor. Tanto em seu peito
Póde a Raiva, póde a cruel Vingança!
Dando um grande gemido, estas palavras
Do mais íntimo d'alma afflicto arranca:
— « Vamos, Ama, buscar o grande Sabio;
E veremos se tem meu mal remédio. »

Era alta noite, e a terra esclarecia,

Com duvidosa luz, a branca Lua;
Quando o Deão, pela Ama conduzido,
A um monturo se foi, onde ambos junctos
Se despem promptamente, e untando o corpo
Com sangue de Morcego, e de Toupeira,
Sôbre sordidas pennas se espojaram.
Então o corpo todo agita, e move
Com medonhos esgares, e rosnando
Em baixo som, per entre os podres dentes,
Certas palavras a espantosa Velha,
Ao farfante Deão diz açodada:
— «Voemos.» — E n'um ponto (cousa rara!
E que igual nunca fez Juan de las Vinhas)
Pelos ares voaram livremente,
Procurando do Archímago a morada.

De Alcáçova o Prior, homem vexado
De nocturnas visões, que então á casa,
Do Nunes Bacchanal em companhia,
D'um purativo escalda se tornava (2),
Vendo alçar-se da terra os negros vultos,
Arranca da brilhante Durindana,
E o capote traçando, velozmente,
Põe-se no recto, parte, atira um furo,
Faz pe atraz; mas tropeçando acaso
N'um Podengo, que á fôrça de pedradas,
Os travessos rapazes tinham morto,
De costas se estendeu na dura terra,

Coberto de vergonha, stêrcó, e lama.
Então mais furioso se levanta,
E c'um golpe mortal a partir torna.
O Pejo, e o Furor lhe dobra as fôrças:
Berra, salta, esconjura, põe preceitos,
Sem descançar, talhando os subtis ventos;
Mas tudo em vão; que leves e seguros,
Nadando pelos ares, se sumiram
Os novos Anthropógriphos nas nuvens.

Tu so, n'esta aventura, infeliz Nunes,
Provaste a furia do pesado braço;
Pois, ao vibrar um talho o Dom Quichote,
Co'o rabo te chegou da rija espada,
Pregando-te um gilvaz pelos focinhos,
Com que em duas te fez a aguda barba.

Nas entranhas d'um monte solitario,
Que entre as nuvens esconde a calva fronte,
Assiste Abracadabro, a quem patentes
Os profundos mysterios da Cabala,
E todas as leis são da Onomania (3).
Mil globos, mil compassos, mil quadrantes
Confusos jazem no sombrio albergue:
Alli Betyles ha, ha Chelonites,
Corações de Toupeiras, ha entranhas
De vãos Camaleões, ha pedras-d'ara,
E magicos espelhos; ha cabêças

De mortos animaes, Lameiras Virgens,
Hypómanes, Mandrágoras, e outras hervas,
Á luz colhidas da nascente Lua
Nas campinas do Ponto, e da Thessalia.

Aqui Ama, e Deão descem, a tempo
Que, á mal-accesa luz d'uma lanterna,
Um Talisman o Magico compunha.

— Ao feio aspecto do fatal hospicio,
As carnes ao Deão se arripiaram.
Começa a vacillar; mas a malvada,
Velha Bruxa o segura, alenta, anima.
Entram pois onde o Sabio trabalhava;
E prostrada per terra, a vil Carcassa,
D'esta fórma, o silencio interrompia:
— « Famoso Abracadabro, a cuja illustre
Alta sciencia os Fados concederam
Dominar Elementos, e Planetas,
Este, que vês (eu creio, o não ignoras)
É o nobre Deão da Igreja d'Elvas.
Pelo arrogante Bispo perseguido,
Do teu grande podêr se chega ás abas:
Com o gordo Prelado, e seu Cabido
Uma demanda traz; para vencel-a,
Tuas artes procura. Ah! se algum dia,
Com teu alto favor, benigno honraste
Esta Serva fiel; per elle mesmo,

A teus pés humilhada, hoje te peço,
Que o queiras amparar; elle o merece
Por triste e desvalido; e pelo grande
E profundo respeito, que tributa
A teu alto saber, ás tuas barbas. »

— Aqui o Velho Magico lhe torna:
« Nada do que tu dizes me é occulto;
E por elle, e por ti provar intento
Quanto minha arte póde. »
Isto dizendo,
Todos tres se sairam da caverna,
E á mal-distincta luz da fronxa Lua,
Sobre a rasa campina, Abracadabro,
Com uma curta vara, quatro linhas
De circulos pequenos logo traça:
A estas linhas juncta tres fileiras
De outras, iguaes em tudo, quatro linhas;
E entre si alguns circulos unindo,
D'elles várias figuras prompto fórma:
Umas se chamam Mães, as outras Filhas,
Testimunhas, e Arbitros: isto feito,
Diversas hervas queima, e murmurando
Tres vezes, ao redor, certas palavras,
Começou a tremer toda a montanha:
Cem espantosas Feras, cem Serpentes
Se ouvem bramir, silvar ao mesmo tempo.

Então ná fronte do Deão pellado,

Os cabellos, que ainda lhe restavam,
Em espetos se tornam; pelas veias
Subitamente o sangue se lhe gela.
Mas quando viu sair da rude furna,
Horrendamente uivando, um Cão medonho,
De negro spesso retorcido pêllo,
Que lança pelos olhos triste fogo,
E chegar-se do Magico ás orelhas,
De todo perde a côr, o alento perde:
Tres vèzes quiz fugir, e tres o mêdo
Os passos lhe embargou; immobil fica,
E semi-vivo respirar não póde.
Passado finalmente um breve espaço,
Com horrendo fragor, se abre a terra,
É crepitantes chammas vomitando,
Em seu ardente seio o Monstro esconde.

—Então, deixando o Bruxo o fero incanto,
Para o Deão se vólta, e n'estes termos,
Com feia catadura lhe responde:
« Emfim não ha remédio: nada podem
Co'o Fado inexorabil meus conjuros:
Nos duros diamantes tem escripto
Que a lide perderás. »
A estas vozes
Todo o valor cedeu do heroico Lara:
Começou a tremer, e sôbre a terra,
Sem alentos caíu, e sem sentidos.

Sôbre elle se debruça a torpe Velha,
Chorando amargamente. Abracadabro
Á grutta corre, d'onde, compassivo,
Trazendo um negro frasco, todo cheio
D'um spiritu vital, lh'o arruma ás ventas.
Então um gran'suspiro derramando,
O Deão abre os olhos, e começa
A cobrar os alentos, que perdera.

—Por largo espaço, o deixa o Nigromante
Repousar em descanço, até que ao vêl-o,
De todo, do desmaio recobrado,
Com mofa, e compaixão, assim lhe falla:
«Não cuidei, que tam pouco esfôrço tinhas,
Priguiçoso Deão, imbelle e fraco;
Que uma sentença, contra ti vibrada,
Te fizesse perder de todo o alento:
Mas es Conego emfim, e tanto basta!
Ignoras tu acaso, que as desgraças
Pedras-de-toque são, onde os quilates
Das grandes almas sempre resplandecem?
De mais, que os duros Fados tam injustos
Não são para comtigo, que vingança
A teus grandes aggravos não permittam.»

— Ao echo da vingança, o antiguo esfôrço
Cobra o pallido Lara; e alvoroçado
Esta pergunta faz ao Velho Bruxo:

— « E que vingança é essa, Abracadabro,
Que o Fado me promette? »
— Então o Sabio,
Com severo semblante, lhe responde:
« Virá a succeder-te no Deado
Um novo Heroe da tua mesma raça.
Este, sendo tambem indignamente
Pelo orgulhoso Bispo injuriado,
Por que á porta recusa do Cabido
Ir, como tu, a off'recer o Hyssope;
Para em salvo se pôr de seus insultos,
Deixando (sabiamente aconselhado)
De venaes Magistrados o recurso,
Refugio buscará nas sanctas Aras
Onde Themis preside, e firme asylo
Acham contra a violencia os opprimidos.

Os Ministros da Deusa que zelosos
De seu altar, e culto, attentos seguem
As pizadas do Principe famoso
(Que dando ao Sacerdocio, ao Sceptro dando
O que é do Sacerdocio, o que é do Sceptro,
Tem de ambos os poderes felizmente
As sagradas balizas assignado)
E defendem, com prompta vigilancia,
Da Real Jurisdicção os justos termos;
Ao Bispo mandarão per seu Decreto,
Que a razão d'este excesso logo assigne.

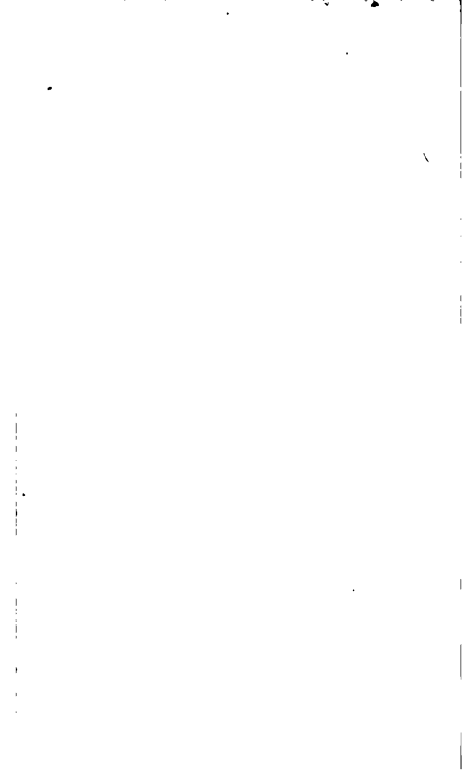
Á fatal vista do imprevisto golpe,
Ficando muito afflicto o bom Prelado,
Com fraqueza a mais vil, dolosamente,
(Acção bem digna so d'um home' indigno!)
Do livro mandará riscar as mulctas;
Negará têl-as feito, e negaria,
Se necessario fôsse, o mesmo Christo.
Então desistirá, cheio de mêdo,
Da pretendida posse, e seus direitos:
E a pelle convertendo, na apparencia,
De fero Lobo se fará Cordeiro. — »

Disse: e o Deão, de ouvil-o satisfeito,
Mil graças dava aos Fados, dava ao Sabio,
Mil á Velha, que a vêl-o o conduzira.

Ja a Aurora, deixando enfastiada
Do potroso Titão o frio leito,
Sôbre o carro, d'aljofres guarnecido,
Com um mólho de rosas excitava
Ao veloz curso as remendadas Pias (4),
Que os freios mastigando de diamante,
Per olhos, e per ventas scintillavam
Tremulos raios, que de luz cobriam
Os longo-apavonados horizontes:
Quando a Velha, e o Deão, ambos deixando
O grande Abracadabro, e sua grutta,
A descançar da longa ameijoada,

Para casa velozes se partiram.

Era ja alto dia, e retumbava,
Em alegres repiques, Elvas toda;
Quando o Deão acorda ao grande ruido,
E chamando os Criados, lhes pergunta,
Qual do grande zão-zão era o motivo.
Então o Cuzinheiro, debulhado
Em lagrymas, lhe conta « que a noticia
De ter vencido o Bispo o grande pleito
Que trazia com sua Senhoria,
Tinha, ha pouco, chegado per um Proprio:
Que em todas as Igrejas não havia
Sino grande, matraca, ou campaínha
Que, em signal de prazer, se não tocasse. »

Acabou o bom Servo a triste arenga,
De seu peito exhalando um gran'soluço:
Mas sua Senhoria consolado
Da futura vingança com a imagem,
Sem alterar-se, ouviu a infeliz nova.

Notas.

CANTO I.

(1) Boileau Despréaux (Nicolau), celebre Poeta satyrico francez. Invoca-o Diniz, em razão d'elle ter composto o Poema heroi-comico intitulado: — *A Estante-do-Côro.*

(2) Epicuro, philosopho grego, designou, na palavra *intermundios*, os espaços existentes entre os astros. É n'um d'esses espaços, que Diniz colloca o imperio do Genio tutelar das Bagatellas.

(3) Solipsos. — Melchior Inchofer, jesuita allemão, inventou este vocabulo para indicar os Padres da Companhia-de-Jesu.

(4) Segures. — Certas composições mui tolas,

em que as prosas, ou alcunhados versos tomavam a fórma d'uma *segure*, ou machado, etc.

>>>o<<<

(5) Nação castrada. — Os Italianos.

>>>o<<<

(6) Anticyra. — Ilha famosa antiguamente, por dar o *helleboro*, o qual (segundo era fama) restituía o siso ás pessoas, que o perdiam.

>>>o<<<

(7) É a *Cabala* uma loucura, que (sob o nome de sciencia) tem salteiado, em differentes epocas, o infeliz genero humano.

>>>o<<<

(8) Martin. — Torneiro parizino, nomeado então pelo bello verniz com que aformoseava as caixas-de-tabaco, e outros trastes, que fazia.

>>>o<<<

(9) Averno. — Lago da Campania, perto de Bayas: era tam fetido, outrora, pelas muitas árvores, que o cercavam, que as aves fugiam d'elle. Toma-se commumente polo Inferno.

CANTO II.

(1) Rhodope.—Monte de Tracia altissimo, e coberto de neve.

(2) Pythonissa. — Sacerdotiza d'Apollo : proferia seus oraculos em Delphos, no Templo do dicto deus. Sentava-se em uma tripode coberta co'a pelle da Serpente Python. Assim que queria predizer o futuro, entrava em furor; soltava vozes mal-articuladas; e, agitando-se horrivelmente, avocava (quando lhe bem aprazia) os manes dos Mortos.

CANTO III.

(1) A Roda-da-fortuna, e Crystaes-d'alma, etc. — Allude este verso a dous dos muitos livros *mystico-moraes*, de que a litteratura portugueza abunda, em desdouro do bom siso, da sã moral, e até da religião christã. Aos Jesuítas, e á sua eschola é que devemos essa praga.

Francisco Manuel disse : « Quem não leu *Crystaes-d'alma?* Quem não leu Poetas, que chamam *serpe-de-crystal* o mais desmazelado ribeiro? »

CANTO IV.

(1) Bósphoro-Cimmerio. — Estreito situado na costa do Reino de Nápoles juncto a Bayas.

CANTO V.

(1) Se tractam de *Monsieurs* os Portuguezes, etc. — Dous petimetres de buço amoladinho, trunfa *á la titus*, brinco na orelha, etc., etc., etc., tendo sido convidados per outros da mesma têmpera a verem certa procissão em Lisboa, alugam uma sege, partem á desfilada, chegam defronte da casa onde os outros consocios ja os aguardavam á janella; e sem lhe darem tempo de se apear, gritam-lhe mui despejados : — « *Entres*, *entres*, *Messieurs*. » Os dous ouvindo estas vozes, e vendo que a porta da rua não estava aberta, respondem-lhe balbuciando : « *Mais*...*mais*... a porta *é feché*. »

>>>o<<<

(2) *Pascasio*, tem n'este logar a accepção de *rematado tolo*.

>>>o<<<

(3) O doctor Escoto floresceu no principio do XIVº seculo, e morreu em Colonia no anno de 1308.

Rodrigo Bacon nasceu em 1214 no Condado de Sommerset, em Inglaterra; attribuem-lhe a invenção da polvora, e outros productos chymicos.

Raimundo Lullo viu a luz em 1235 na cidade de Palma, Capital da ilha de Maiorca. Escreveu infindas Obras em estylo cabalistico.

(4) Phrases gallicanas, etc. — Francisco Manuel, imitando a Diniz, tambem zurziu co'a vergalhada da satyra os cultivadores, e enthusiastas da linguagem gallo-lusa. Eis como se elle exprime :

« Muitos dos que hoje escrevem francezeam ;
Muitos, que nada escrevem francezeam.
Francezear em lingua portugueza
Se atrevem quatro tolos vangloriosos
D'uns laivos, que pozeram mal-assentes
Na face maternal, que se envergonha.
Se não soffre um Francez ; se ri, se zomba
De quem com arrogancia, ou com desprezo
Do presente fallar, classico e puro
Estraga a lingua com fallar mestiço ;
Como soffremos, seja franco a um biltre,
Que ignora os livros dos Auctores lusos ,,
Nos metta á queima-roupa, muito ufano
Contrabando francez ? »

(5) Certa Madama, vendo este grande pleito das tres Deusas representado n'um painel, perguntou a um Padre-prégador « o que significavam aquellas tres figuras nuas, e o tal Marmanjo co'a maçã na mão? » — Sua Reverencia (depois de ter parafusado um pouco) respondeu: — « que o Pastor era o Dragão, que com o pomo enganara Eva no Paraíso, que... » « — Mas (replicou a Dama) Eva era uma so, e não tres. » — O Padre embatucou; porêm logo, com cara de Frade retorquiu: — « O Pintor figurou n'esse ratabulo Eva antes do peccado, Eva no peccado, e Eva depois do peccado; e assim as tres Evas formam so uma. São pontos da Escriptura, que Mulheres não devem esquadrinhar. »

(6) O philosopho Apuleio viveu sob o imperio dos Antoninos: era Africano. Compoz a fabula, ou metamorphose, a que deu nome de *Asno-de-ouro*.

(7) Peralvilho, ou o *Amante desgraciado* é assumpto d'uma engraçadissima novella, que se acha (se não me engano) em um dos tomos da Constante Florinda.

(8) Potosí. — Cidade, e Provincia assim cha-

mada no Reino do Perú. Abunda em minas de prata.

CANTO VI.

(1) Um fidalgo, da familia dos Menezes, tinha a mau agouro ver bater alguem sola contra sola dous sapatos. Vinha-lhe logo á lembrança a desastrada morte do Principe D. Afonso, em Sanctarem; o qual acabara arrebentado debaixo do próprio Cavallo, em que ía; visto ter-se este espantado ao estrondo, que um Homem fez, batendo dous sapatos, quando o Principe passava.

(2) Tamerlão foi Imperador dos Tartaros e famigerado conquistador: alcançou muitas victorias dos Persas; aprisionou Bajazeto I, Imperador dos Turcos, em uma grande batalha na qual este ficou vencido. Tamerlão mandou-o metter n'uma gaiola-de-ferro.

CANTO VII.

(1) Pae-velho. — Gaspar Pinto Correia escreveu commentarios aos livros de Horacio, segundo a ordem litteral, illustrados depois com notas mais copiosas, tres partes em quarto, e repetidas vezes impressos. Eis os commentos, que vulgarmente se chamam nas aulas os Paes-velhos. — Francisco Manuel disse ácêrca d'esta Obra, o seguinte:

« Pae-velho, chamavam, no meu tempo d'estudante, uma versão litteral, que se apprendia de cór, para fazer o exame; e que (segundo meu parecer) era a respeito do exame de Latim, o que a respeito do exame de Moral, era o Larraga. »

⋙o⋘

(2) Dom Félix, e o Caturra. — Bobos mui celebrados no seu tempo.

⋙o⋘

(3) *Gagé.* — Palavra, que denota uma Menina, ou Senhora esbelta e d'airoso meneio.

⋙o⋘

(4) O philosopho grego Xenophonte (além d'ou-

tras muitas Obras) escreveu um Tractado sobre o *regimen caseiro*.

⋙○⋘

(5) É a vara rubra, ou vermelha, em Portugal, o symbolo das jurisdicçoes, ou justiças-ordinarias.

⋙○⋘

(6) Zamperini. — Comica e cantora veneziana. Representou muito tempo noTheatro de San' Carlos, em Lisboa.

⋙○⋘

(7) Gatos de ferro. — Allude aqui o Poeta ao logro, em que caiu, em Portugal, certa Corporação religiosa; a qual chamando um Charlatão para lhe soldar um sino rachado, o dicto Charlatão, depois d'exigir d'ella alguns marcos de prata para a tal solda, desappareceu com a prata, e algum dinheiro, que recebera adiantado.

⋙○⋘

(8) Sphinge. — Monstro thebano : pintau-o com cabêça, mãos de Donzella, corpo de Cão, cauda de Drago, e com unhas e azas. Vigiava sôbre um penhasco, na orla da estrada, do qual propunha enigmas aos Viandantes : se estes os não decifra-

vam, morriam nas garras da Sphinge. OEdipo explicando o enigma, que esse Monstro lhe propoz, fez com que elle, desesperado, se precipitasse do rochedo, e exhalasse a vida na quéda.

(9) Que dos Touros, etc. — Um Theologo dizia a certo Rei:

Touros, Touros, Senhor, nunca Theatro
Onde o Démo, com vistas, a alma encrava:
Para os Homens, no côrro ha menos mal;
Por tres, que o Touro estripa, ao muito quatro!

(10) Regios desposorios. — Foram os do Senhor D. João com a Senhora D. Carlota Joaquina.

(11) Bougia. —Véla de cera-fina.

CANTO VIII.

(1) Diniz pessoalisou o talisman *Abracadabra* em Magico, ou Bruxo. A dicta palavra (segundo

os embusteiros) tem a virtude de curar febres, etc., e d'obstar á mesma morte.

⋙o⋘

(2) Escalda. — Palavra alentejana, significa iguaria apimentada, ou para melhor dizer as iscas de figado frito, que provocam, aos que as comem, a regar frequentemente os gorgomilos com o sumo de Baccho.

⋙o⋘

(3) Onomania. — Arte de adivinhar per nomes, ou palavras.

⋙o⋘

(4) Chama-se *Pia*, em termos de *Caudelaria* o Cavallo malhado de preto e branco.

O REINO
DA ESTUPIDEZ,

POEMA HEROI-COMICO-SATYRICO
EM QUATRO CANTOS;

DE ***

Hæc miscere nefas.
PERSIO.

Prologo.

Vai ó Poema! não digo discorrer, pelo Universo, porque sei que estás escripto em Portuguez; mas ao menos corre as mãos de todos esses que compoem a Universidade. Eu te vaticino desde ja uma desgraçada sorte: serás praguejado, e per muitos reduzido a cinzas, que irão até lançar-te no Mondego, como cousa contagiosa. Não esmoreças, que entre esses alguns haverá, ainda que poucos, que folguem de ver a verdade com os seus proprios vestidos: não receies penetrar os mesmos claustros: ahi é que te prognostico os maiores desprezos: soffre com paciencia, que o teu fim é so de fazer ver a verdade: affirma pois a esses

homens, que o teu Auctor venera os seus sanctos Instituidores; que so desejara, que aquelles que se prezam de ser seus filhos, fossem vivas copias suas; porque então não chegariam a muitas duzias em Portugal. Dize-lhes que o que mais o afflige, é ver, que os que per voto devem ser pobres, humildes e castos, são os mais regalados, suberbos e libidinosos, a quem custa muito cumprir os votos, que fazem. Pergunta-lhes, como será possibil ver de sangue-frio a um Monge, a um pobre de Jesu-Christo, robusto, gordo, e capaz de vender saúde, ás costas de dous pobres homens pela Couraça-dos-Apostolos acima até o Patio-das-Artes? Dize-lhes, que bem sabes, que este é o Mestre d'Hebraico o Sr D. João de Tal.

Irás ter ás mãos de muitos, que te censurem de pouco verdadeiro; porque hoje a Universidade está em seu auge, e esplendor: dir-te-hão, que para dizer tanto, é preciso, ou não ter noticia da refórma, ou ser maldizente per officio: a

estes taes pede a resolução do seguinte problema. Achava-se um homem nas trevas sepultado no mais profundo somno, rodeiavan-o per todos os lados mil perigos, e despenhadeiros; compadecido outro do miseravel estado em que se achava aquelle desgraçado, foi despertal-o para o pôr fóra dos perigos, que o cercavám: tinha ja o bemfeitor dado alguns passos; mas derepente lhe falta a vista, e fica o infeliz ainda nas trevas acordado sem guia, caminhando de precipicio em precipicio. Pergunta-lhes pois, quando era mais desgraçado este homem, se no tempo em que estava engolphado em seu lethargo, se quando se via acordado, so, e nas trevas? Não te cances em fazer-lhes a applicação, que é manifesta; dize somente, que o fructo, que d'aqui levam os Legistas, é a pedanteria, a vaidade, e a indisposição de jamais saberem: enfarinhados unicamente em quatro petas de Direito-romano, não sabem nem o Direito-patrio, nem o publico, nem o das Gentes, nem Política, nem Commércio,

finalmente, nada util. Que os Canonistas saiem d'aqui com o cerebro intumecido com tanto Direito de Graciano, sem crítica, sem methodo, engolindo, com alguns verdadeiros, immensos Canones apocryphos; dando ao Papa a torto e a direito poderes, que lhe não competem per titulo nenhum, e esbulhando os Rêis dos que per Direito da Monarchia lhes são devidos. Com estes não te abras mais, e acrecenta so, que é melhor morar em uma casa vasia, do que n' uma cheia de trastes velhos e desconcertados, onde reina a desordem, a confusão, e a immundicia. Deves porêm confessar, que a Refórma trouxe á Universidade as Sciencias-naturaes, que na verdade tiveram, e teem ainda alguns Mestres dignos de tal nome; mas que estes ficam tam submergidos pela materialidade dos Companheiros, que fazem a maior porção, que para os distinguir é preciso ter vista bem perspicaz; tanto reina ainda aqui mesmo a Estupidez! Adverte emfim, que não reparem em não fazeres menção dos Senho-

res Theologos, devendo ser os primeiros, porque *ex fructibus eorum cognoscetis eos* : S. Matheus, cap. I., e invertendo : *ex illis cognoscetis fructus eorum*. O Ceo te leve a mãos, que te não deem logo tyranno garrote antes de seres lido per algum que te propague. *Si Musa vetat, facit indignatio versum.*